

# MULHERI

ANO VII  
Nº 30  
JUL 1987  
SÃO PAULO  
BRASIL  
Cz\$ 30,00

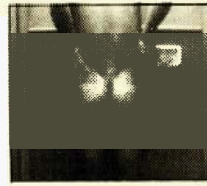
Neuzinha, ▶  
Roseana e Tutu:  
choques  
hereditários



Hilde: a  
política brasileira  
na berlinda



Bumbuns  
masculinos  
Invadem  
a televisão



# ABORTO

## MOBILIZAÇÃO OU RETROCESSO

AS MULHERES TÊM O PRAZO FATAL ATÉ 10 DE AGOSTO PARA SUBSCRITAREM O ABAIXO-ASSINADO PELA LEGALIZAÇÃO DO ABORTO.



### A verdade sobre os Tribunais Militares

## PONTOS DE VENDA

**DISTRITO FEDERAL**  
**Dalzeni Ribeiro:** SDS Edifício Miguel Bardi, sala 402, fone (061) 226-0482, Brasília.

**MINAS GERAIS**  
**Espaço Cultural Livros e Artes:** Rua São João, 357, fone (032) 211-2029, Juiz de Fora.

**MATO GROSSO DO SUL**  
**Regina Arakaki:** Rua Rui Barbosa 2.324, fone (067) 382-0642, Campo Grande.

**PARÁ**  
**Jane Beltrão:** fone (091) 229-6336, Belém.

**PARANÁ**  
**Distribuidor: J. Ghignone Cia. Ltda** Av. Nova Iguaçu, 624, fone (041) 233-3622, Curitiba

**PERNAMBUCO**  
**Wima Lessa:** fone (081) 224-0585.

**RIO DE JANEIRO**  
**Dazibao Livraria:** Rua Visconde de Pirajá, 571-B, Travessa do Ouvidor, 11 - Rio de Janeiro.

**Livraria Timbre Shopping Center** da Gávea, Rio de Janeiro.

**RIO GRANDE DO SUL**  
**Distribuidor: Marco Amaral, Pça Rui Barbosa, 39, sala 5, fone (0512) 26-9747, Porto Alegre.**

**Banca Vera Cruz:** Praça da Alfândega.

**LIVRARIAS**  
**Graphis Livraria Caté:** Rua Tomás Flores, 340.

**Livraria CAPELUTS:** Av. Paulo Gama, s/n.

**Livraria Autores Nossos:** Av. Érico Veríssimo, Centro Municipal de Cultura.

**Livraria Adeli Sell:** Rua Gal. Vitorino, 140, sala 27.

**Livraria Arcano 17:** Av. Protázio Alves, 1.138.

**Livraria Mercado Aberto:** Rua Riachuelo, 1.291.

**Livraria Mercado Aberto:** Rua da Conceição, 205.

**Livraria Palmirina:** Rua Gal. Vitorino, 140, 1º andar.

**Livraria Prosa e Verso:** Rua Mostardeiro, 120, loja 4.

**Livraria Terceiro Mundo:** Rua Gal. Vitorino, 129, sala 21.

**SANTA CATARINA**  
**Ana Lúcia Gomes Medeiros:** Cidade Universitária, caixa postal 5060, Florianópolis.

**SÃO PAULO**  
**Maria Alice Paestone (0192):** 43-3267, Campinas

**LIVRARIAS**  
**Belas Artes:** Al. Lorena, 1.326, São Paulo.

**Belas Artes:** Av. Paulista, 2.448, São Paulo.

**Brasiliense:** Rua Oscar Freire, 561, São Paulo.

**Livraria Brasiliense:** Rua Augusta, 2.345, São Paulo.

**Canto da Prosa:** Rua Simão Álvares, 445, São Paulo.

**Capitu:** Rua Pinheiros, 339, São Paulo.

**Da Vila:** Rua Fradique Coutinho, 1.140, São Paulo.

**Livraria Favale:** Av. Santo Amaro, 184, São Paulo.

**Litteris:** Rua Ignácio Pereira da Rocha, 264, São Paulo.

**Litteris:** Bar Avenida, Av. Pedroso de Moraes, 1033, São Paulo.

## Mulheres na Economia

O Conselho Regional de Economia está ampliando a sua área de atuação de modo a atender os diversos interesses da categoria. Nesse sentido foi instalada pela atual gestão uma comissão especialmente voltada para a mulher economista, coordenada

tierrez. Neste início de trabalho achamos primordial o



contato com outras entidades ou organismos públicos que se preocupam com a questão feminina a fim de trocarmos informações, documentação, experiências etc. As interessadas podem escrever para a Comissão da Mulher Economista, Viaduto Nove de Julho, 26, São Paulo.

Carlos Lobo presidente do Conselho Regional de Economia São Paulo, Capital

## DE DENTRO

### Pesquisa em Israel

Moro em Tel Aviv e leciono inglês. Estou fazendo uma pesquisa sobre as mulheres da classe operária no Brasil, entre os anos 1890 e 1922, que resultará numa tese de doutoramento em História a ser apresentada à Universidade de Paris X, em Nanterre. Gostaria de manter contato



com pessoas que estão trabalhando com projetos similares, o que poderia ser útil para ambas.

Hadassa Grossman Sharet 56, apt. 1 62.504 Tel Aviv, Israel

### Colabore neste Levantamento

Desejo obter mais informações sobre o jornal **Mulherio**, que será de grande importância para a pesquisa que venho realizando no Instituto de Ciência e da Educação da Universidade de Buenos Aires: "A Mulher e os Meios de Comunicação Social". Tudo o que seja relativo à condição feminina, análise de vários



ângulos, será importante para nós.

Beatriz Fainholz de Timkin Malabia 3166, P 9º 1425 Buenos Aires, Argentina

### Pauta das Secretárias

Cumprimentamos o jornal **Mulherio** pelo excelente nível dos seus artigos. Sou diretora de Comunicação da Associação das Secretárias do Estado de São Paulo (Asesp), fundada em 83 e filiada à Associação Brasileira de Entidades de Secretária. Nossa luta tem sido árdua, mas temos recebido apoio, colaboração e incentivo de inúmeras em-

presas, entidades, jornais e outros órgãos. Sugerimos como pauta para os próximos números, uma reportagem sobre o papel da secretária na empresa moderna.

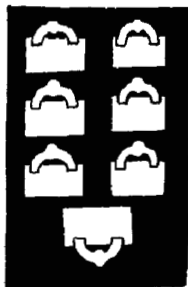
Solange de Carvalho Izzo São Paulo, Capital

**Mulherio** informa: a gestão foi anotada.



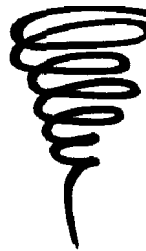
### Projeto Canadense

O grupo de pesquisas da École des Hautes Etudes Commerciales do Canadá "Women, Management and Business" (Mulheres, gerenciamento e negócios) está ajudando o Centre d'études en administration internationale — CETAI — a definir os problemas do treinamento de mulheres nesta área. Gostaria, portanto, de contactar todas as pessoas, instituições, organismos etc. envolvidos nesta atividade, com o objetivo de identificar especialistas no desenvolvimento e ensino de programas de treinamento criados especialmente para mulheres. Para isso, desejo receber informações sobre o assunto, incluindo



descrição de programas, seminários, lista de professores com curriculum vitae, estudos de casos, áudio-visuais, antologias, artigos, livros etc. O remetente deve incluir os custos de correio na correspondência e possível autorização

## PARA FORA



para a reprodução com crédito. O material deve ser enviado para: Women, Training and Management Project, Centre d'études en administration internationale, École des Hautes études Commerciales, 5255, avenue Decelles, Montreal, CANADA, H3T 1V6

Sylvia Toledano Montreal, Canadá

### São as leitoras que dizem...

Considero o jornal **Mulherio** indispensável. Admiro a equipe que consegue fazer uma obra de tanta importância para a realidade brasileira.

June E. Hahner Albany, USA



**Expediente**  
**Conselho Editorial:** Albertina de Oliveira Costa (Fundação Carlos Chagas); Bela Feldman-Bianco (Unicamp, SP/Southeastern Massachusetts University, USA); Emir Sader (USP); Fúlvia Rosenberg (Fundação Carlos Chagas, SP); Heloisa Burque de Hollanda (UFRJ/Stanford University, USA); Maria Lúcia de Barros Mott (historiadora, SP); Mariaugusta Rosa Rocha (Conselho Municipal da Mulher de Salvador, BA); Mariely Meyer (Unicamp, SP); Mouzar Benedito (jornalista, SP).

**Editora-responsável:** Inês Castilho (MTB 17.504). **Editora:** Santamaria Silveira (MTB 13.517). **Repórteres/Redatoras:** Laurimar Coelho e Paula Mageste. **Secretária de Redação:** Pêrola Paes. **Arte:** Jaime Prades e Walkyria Suleiman.

**Administração e Finanças:** Mônica Boudayé. **Assistente:** Maria Tereza de Lima. **Distribuição e Divulgação:** Susana Beatriz Meza Henke;

**Mulherio** superou minhas expectativas. As matérias mostram seriedade e sensatez, reunindo informações sobre as lutas que as mulheres vêm organizando.

Assunta Picança Conceição do Araguaia, PA

Estou assinando o **Mulherio**. Gostei muito deste último número.

Zênia Cazzulo Dirani Porto Alegre, RS



Estamos recebendo no C.M. Rio o jornal, que está muito bom, informativo, atendendo nossas necessidades de mulheres. Legal a divulgação sobre o Mulher/Fempress, não esqueçam o endereço, é importante.

Maria José de Lima

## ERRAMOS

A resenha "A Personagem Virginia Woolf", de Malu Heilborn, publicada no último número, teve a palavra homossexualidade trocada por homossexualidade. O parágrafo correto seria: "A homossexualidade do meio universitário incentiva e legitima o amor entre os iguais (de espírito) em conformidade com as regras do gosto letrado da época fascinado pelo modelo greco".

**Assinaturas e Expedição:** Helena Maria Moreira. **Secretaria Geral:** Tânia Cristina Vieira de Paulo.

Colaborou nesta edição, além das pessoas que assinam matéria, Cynthia Sartt.

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal. Reprodução total ou parcial de matérias, desde que citada a fonte.

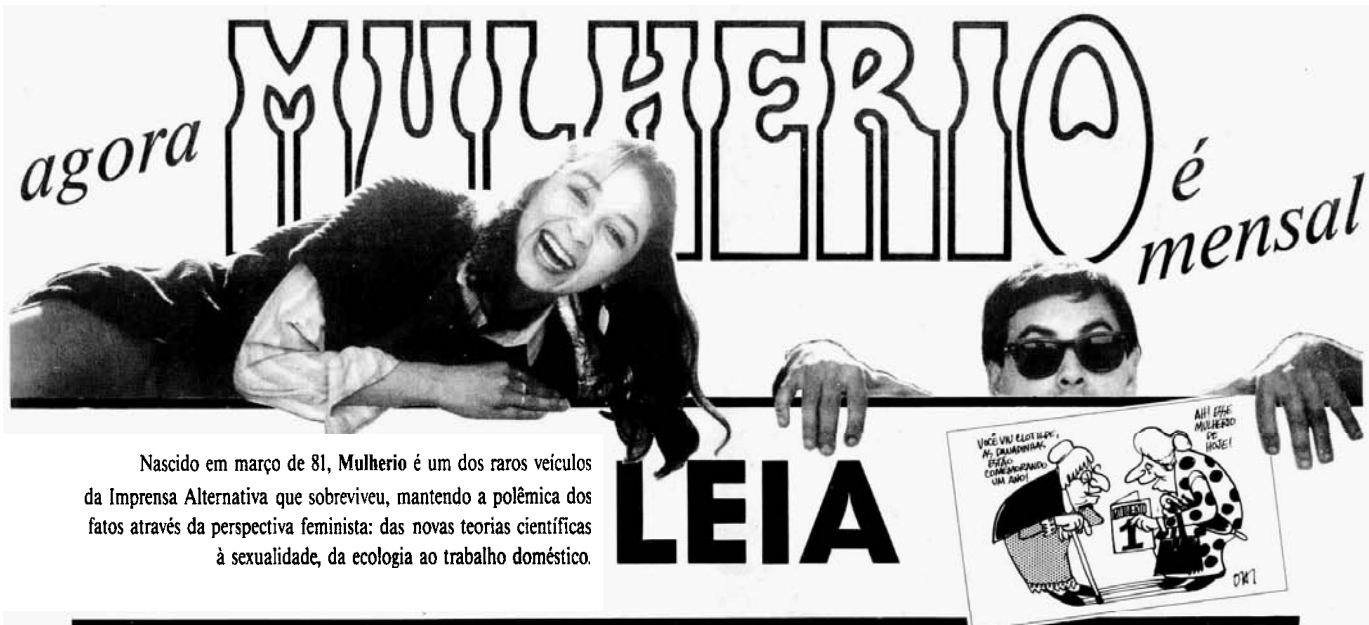
Publicado com o apoio da Fundação Ford do Brasil, RJ.

**Mulherio** é uma publicação do Núcleo de Comunicações Mulherio, associação civil sem fins lucrativos. Redação e administração à Rua Cunha Gago, 704, Pinheiros, 05421, São Paulo, SP, Brasil, fone (011) 212-9052.

**Composição:** Editora Max Limonad, Rua Quilino Bocáiva, 191 - 4º andar/sala 41, telefone 35-7393; **Fótilho e impressão:** Cia. Editora Jorués, Rua Artur Azevedo, 1977, telefone: 815-4999; **Tiragem desta edição:** 12 mil exemplares.

2

Mulherio Julho/87



Nascido em março de 81, **Mulherio** é um dos raros veículos da Imprensa Alternativa que sobreviveu, mantendo a polêmica dos fatos através da perspectiva feminista: das novas teorias científicas à sexualidade, da ecologia ao trabalho doméstico.

**LEIA**



# DIVULGUE

A independência editorial do **Mulherio** ajuda o jornal a dar impulso às causas progressistas. Divulgar esse tipo de publicação é ampliar a conscientização e fixar a imagem das mulheres reais, invisíveis na grande imprensa.

A maioria das escritoras, jornalistas, políticas e professoras que ajudam a influenciar a formação da opinião pública brasileira são assinantes do **Mulherio**. São consumidoras diferenciadas com independência para fazer suas opções por marcas e produtos.

# ANUNCIE

# ASSINE

Nem todas as bancas de jornais do país recebem **Mulherio**. Assinando, você garante seu exemplar todo mês e ainda faz economia sem depender de nenhum congelamento.

3

Mulherio  
Julho 87

*Um jornal que dá o que pensar*

## ASSINATURA DO MULHERIO

Nome Completo: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_  
 Cep: \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_ Est. \_\_\_\_\_  
 Data Nascimento \_\_\_\_\_ Sexo \_\_\_\_\_ DDD: \_\_\_\_\_  
 Telefone: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Envie Cheque nominal cruzado ao Núcleo de Comunicações  
 Mulherio para assinatura correspondentes a 6 n.ºs do jornal.  
 Cz\$ 160,00 Exterior Via Aérea US\$24

## ASSINANTE, VOCÊ MUDOU DE ENDEREÇO?

Envie este cupom comunicando seu novo domicílio

COLE AQUI  
 SUA ETIQUETA DE  
 ENDEREÇAMENTO ANTERIOR

Novo endereço \_\_\_\_\_  
 Bairro \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_  
 Cidade \_\_\_\_\_ Est. \_\_\_\_\_

Envie estes cupons para ASSINATURAS MULHERIO, Cx. Postal 11352, Cep 05421, São Paulo – SP, fone (011) 212-9052

## PESQUISA

# VAI-E

A CIRCULAÇÃO DE CRIANÇAS NO BRASIL É UMA PRÁTICA BASTANTE COMUM DESDE OS TEMPOS COLONIAIS. HOJE ESTÁ MAIS RESTRITA ÀS CLASSES



Foto: Cida Souza

# -VEM

POPULARES, NAS QUAIS A REDISTRIBUIÇÃO DOS FILHOS É UM FATOR DE SOBREVIVÊNCIA, SOLIDARIEDADE FAMILIAR E FORMA DE SALDAR DÍVIDAS

CLÁUDIA FONSECA

**B**ete, uma mocinha de 15 anos, olhou serenamente e explicou pela segunda vez: "Quando nascer meu nenê vou dar para os meus pais. Já disse isso para todo mundo. Prefiro dar em vez de me separar de Elaine". Elaine é uma sobrinha de três anos que ela cria desde o berço por indicação de sua mãe, pois Bete era a única mulher da casa que não trabalhava fora e precisava de "companhia".

A vila onde Bete mora fica a quatro quilômetros do centro de Porto Alegre. É uma vila de invasão e povoada por biscateiros, papelheiros e pedintes. A história de Bete não é diferente da de seus vizinhos, pois cerca de 50% das mulheres da área já tinham participado da "circulação de crianças", isto é, aceite criar um filho de outra mulher ou mandado um filho pequeno para viver sob a proteção de outra. Aproximadamente um terço destas crianças foram para orfanatos, mas dois terços foram distribuídos entre parentes, comadres e conhecidos. Como colocar as palavras de Bete em perspectiva? Como interpretar esse vai-e-vem de crianças vivenciado e comentado com uma desenvoltura tão distante do sensacionalismo jornalístico do "menor abandonado"?

Evidência histórica até aqui trazida à baila, embora parca, indica que a circulação de crianças tem sido comum entre pobres urbanos desde o início da Colônia, apesar da censura constante exercida por grupos dominantes. Fruto da miséria? Sem dúvida, na análise do meio pesquisado (mais sub-proletário do que proletário), onde o fator econômico não pode ser ignorado. Por causa da separação conjugal ou da morte precoce de um companheiro, quase dois terços das mulheres entrevistadas têm enfrentado períodos em que tiveram de arcar sozinhas com filhos pequenos. Nestas circunstâncias, arranjar pais alternativos para seu filho é antecipar situações de crise quando a redistribuição de crianças se torna necessária para a própria sobrevivência.

Contudo, mesmo se certas práticas iniciaram-se como estratégias de sobrevivência imediata, é inconcebível que, depois de dez, vinte gerações, elas não tenham adquirido um significado específico, parte de um universo simbólico construído pela experiência histórica do grupo. Para a plena compreensão da circulação de crianças é preciso, portanto, levar em consideração não somente as condições "objetivas", mas também esse univer-

# DE CRIANÇAS

so simbólico.

Bete explica a lógica de sua atitude: É melhor tirar a certidão do seu filho em nome dos avós dele porque assim terá direito ao INPS. Ela se dá bem com o pai do seu nenê, mas não moram juntos pois cada um "é apegado" aos seus próprios pais. É evidente que, atrás do otimismo aparente desse relato, discerne-se um "discurso submerso" que fala de conflitos. Por exemplo, registrar um filho no nome dos avós maternos evita disputas eventuais entre pai e mãe pela guarda da criança e da penúria material. Porém, os comentários de Bete, longe de serem mera racionalização, tapeação da realidade, nos abrem uma janela para certas práticas familiares comuns a este grupo, práticas que também falam de valores que, muitas vezes, passam despercebidas por observadores fora do grupo.

Falam, por exemplo, das pressões conflituosas que recebe a mulher, puxada entre lealdade de parentesco consanguíneo e por afinidade, e dos repetidos casos onde o laço consanguíneo tem se mostrado o mais duradouro, o mais seguro dos dois ("pode ter cinquenta maridos, mas mãe é uma só"). Falam dos frequentes arranjos domésticos onde mãe e filha, as duas com crianças pequenas, dividem moradia e tarefas maternas, sendo que o ato de "dar" um filho não significa rupturas abruptas. Falam, afinal, daquilo que representa o "ser mãe" neste contexto.

### Maternidade Solidária

O campo da maternidade é o único em que essas mulheres (submissas em casa, desqualificadas no emprego) têm poder prioritário e competência raramente questionada. É um campo poderoso, pois é valorizado por homens e agentes dos grupos dominantes. Apesar da existência de inúmeras receitas para abortar, prevalece a idéia que não há lugar onde um nenê não seja bem-vindo. De fato, entre as mães adotivas do grupo, havia todo tipo de mulher: velhas e jovens, comerciantes e mendi-

gas, mães de prole numerosa e mulheres estérteis, viúvas, solteiras e casadas.

Por serem tão cobiçados, os nenês são como as jóias que suas mães nunca tiveram, posses preciosas a serem protegidas contra a cobiça de inimigos e divididas com aliados. Solange, por exemplo, deu sua terceira filha para a sogra. A criança havia nascido na casa desta avó paterna, onde acabava de morrer outro nenê. Atendendo ao pedido da sogra e da cunhada, Solange deixou seu nenê como consolação. Já Geni, para recompensar a gentileza de uma amiga que a abrigara durante mais de um ano, "emprestou-lhe" seu nenê, que ficou até casar. Assim, ao dar seu filho para uma pessoa bem escolhida, a mulher alcança certos fins práticos: cimenta laços com parentes afins, aproxima-se de um vizinho influente e salda uma dívida, ao mesmo tempo que goza do prestígio de um ato generoso. Além do mais, a mãe se livra da responsabilidade onerosa de sustentar a criança durante os anos em que esta mais pesa do que contribui para a economia familiar.

A co-residência de pais e filhos no mesmo lar não parece elemento chave na solidariedade familiar deste grupo. Para mostrar que era boa mãe, a mulher dizia "Fiz tudo pelo bem da minha filha. Sempre tive ela morando em casa de família", ou "Internei meu filho na Femen para ele poder estudar". Na vila, as crianças que estudam além da primeira série são raríssimas, apesar de existir a preocupação pelo acompanhamento carinhoso e pessoal que, conforme a ideologia dominante, só a mãe pode suprir na educação dos filhos.

Edi que, sete anos depois de ter colocado um nenê com sua comadre, insiste em ter sua filha de volta, mostra-se indignada por encontrar oposição: "Nunca abandonei minha filha. Sabia que estava sendo bem cuidada. Não sou uma cadela para dar meus filhotes!" Mais interessante ainda é que os filhos "colocados" mantêm vivas suas lealdades consanguíneas. Na vila há pelo menos uma dúzia de jovens adultos que, depois de passar a maior parte

Antes de fechar essas observações etnográficas, seria bom fazer uma ressalva contra o romantismo que quer ver nessas práticas evidências de uma contracultura conscientemente reivindicada. Por não ser legitimada pela sociedade vigente, por não ter apologeta para sistematizá-la ao nível teórico, a "lógica" dessas práticas permanece parcial, fragmentada, desarticulada de qualquer doutrina. A lógica, no entanto, existe subjacente às regularidades do comportamento familiar, compartilhada pela maioria das pessoas da vila, e mal conhecida pelos grupos abastados. Ignorá-la é negar a especificidade histórica do grupo, é apoiar a tese da superioridade moral ou "natural" da família nuclear, é fechar a porta a todo diálogo que não seja paternalista e uni-direcional.

Cláudia Fonseca é professora de Antropologia Social da UFRGS

# CONSTITUINTE

## ABORTO: MOMENTO DE DECISÃO



foto: Célia Souza

Lançamento da campanha de iniciativa popular em São Paulo

HÁ MAIS DE TRÊS ANOS ACONTECEU NO BRASIL O DIA NACIONAL DE LUTA PELA LEGALIZAÇÃO DO ABORTO. AO CONTRÁRIO DO QUE SE PODERIA ESPERAR, DE LÁ PARA CÁ, A QUESTÃO NÃO AVANÇOU. ALIÁS, ESTÁ AMEAÇADA DE RETROCEDER NA NOVA CONSTITUIÇÃO. ISTO DEFLAGROU UMA REAÇÃO CONJUNTA DOS GRUPOS AUTÔNOMOS DE MULHERES.

### SANTAMARIA SILVEIRA

**P**or pouco as mulheres não perderam o trem da história. Na Carta das Mulheres, o item sobre o direito de evitar ou interromper a gravidez sem prejuízo para a saúde da mulher, acabou sendo substituído por uma segunda versão, na forma de dispositivo, que não incluiu a questão do aborto por ser matéria pertinente às leis ordinárias. "Fomos ingênuas", analisa a feminista carioca Comba Marques, "ao supor que o aborto não seria levado pelos conservadores para a Constituição". Para Comba, esse erro mostrou imaturidade e merece reflexão: "Adotamos a política da avestruz, evitamos falar sobre o assunto para ver se passava despercebido". Raquel Moreno, feminista paulista, concorda com a colocação e ressalta: "Estamos nos esbarrando. De um lado, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher defende que a matéria não é Constitucional; de outro, o movimento autônomo de mulheres pretende manter a luta da conscientização, mesmo que os resultados venham a ser obtidos só numa fase pós-constituinte".

A reação das mulheres só veio quando os anteprojeto da Subcomissão da Família, do Menor e do Idoso transformaram o aborto em crime, independente da circunstância em que for realizado. Até mesmo nos casos previstos pelo atual Código Penal: gravidez resultando de estupro ou quando a gestante sofre risco de vida. Estabelecendo ainda as subcomissões que a vida deve ser protegida desde a concepção. "A aprovação de qualquer uma destas propostas marcaria um retrocesso muito grande na luta da mulher, pois é uma radicalização da questão", afirma a deputada federal Cristina Tavares (PMDB-PE), que propôs um projeto de descriminalização do aborto, derrotado há três anos.

Na tentativa de reverter o quadro negativo, movimentos feministas independentes de mulheres de cinco estados resolveram articular

uma proposta de iniciativa popular, que pode ser encaminhada à Constituinte, desde que subscrevamos por 30.000 assinaturas e endossada por três entidades. "Foi a solução que restou, pois a própria dinâmica da Constituinte é muito acelerada", diz Comba, "só teremos até o final de julho para passar os abaixo-assinados". Com a proposta da iniciativa, o movimento de mulheres pretende usar o lastro da sociedade civil para barrar as posições conservadoras.

### Proposta Abrangente

Tentando estabelecer parâmetros, a emenda de iniciativa popular das mulheres estipula em seu segundo artigo o prazo de noventa dias para a interrupção da gravidez, cabendo ao Estado a garantia deste direito através da prestação de assistência por meio da rede de saúde pública. "Colocamos o aborto no contexto saúde", explica Raquel Moreno, "porque nos casos dos grupos paulistas, a maioria desenvolve trabalhos junto à periferia, onde as mulheres estão muito próximas da Igreja e qualquer tese isolada poderia não ser bem compreendida". A emenda também apresenta uma ressalva de que serão respeitadas as convicções éticas e religiosas individuais. "É um dispositivo usado em muitos países onde o aborto foi regulamentado", explica Comba, "serve para ampliar a questão". Através dessa ressalva, o movimento espera deter a manipulação do aborto pelos controlistas, que desejam acabar com a pobreza, acabando com os pobres.

Apesar de o brasileiro ser muito legalista e de o aborto ter sua prática vinculada ao crime, uma consulta popular realizada pelas feministas cariocas, que formaram o grupo "Alerta Família para a Constituinte", apurou um índice médio favorável de 60% para a legalização do aborto. Outra pesquisa recente, da revista *Nova*, promovida em 23 Estados brasileiros, apontou que 75,4% de suas leitoras acham que a mulher solteira, separada, divor-



Cartilha da Comissão de Mulheres do PT

ENQUANTO ISSO  
EM BRASÍLIA  
... UMA CRUZADA  
CONSTITUINTE  
CONTRA O ABORTO.

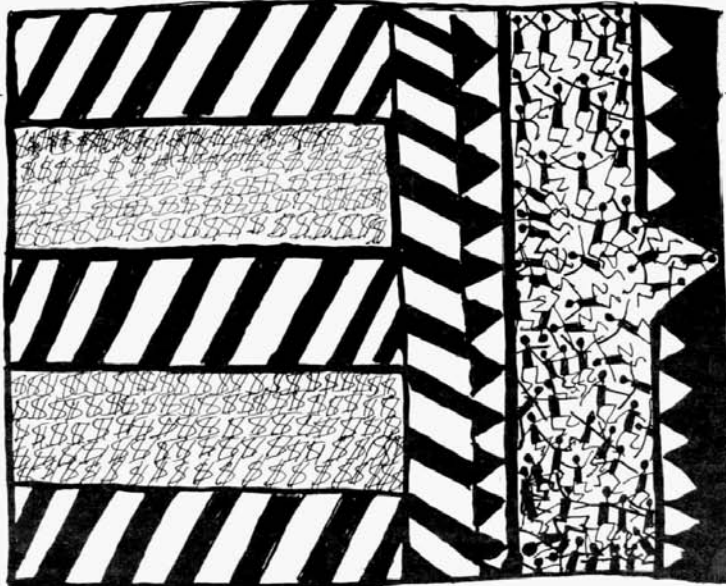
ciada ou viúva deve ter total liberdade para abortar. Porém, mostrou um dado preocupante: 59,9% acham que as casadas precisam da autorização do marido para abortar.

### Luta Antiga

Calcula-se que ocorra no Brasil cerca de 3 milhões de abortos, sendo que mais de 200 mil mulheres recorram à rede do INPS para tratar de hemorragias, perfurações de útero e outras graves infecções provocadas por abortos mal feitos. Isto prova o que todo mundo já sabe: as sequelas do aborto só atingem as classes populares, que não podem pagar clínicas clandestinas especializadas em sucção, cesariana ou dilatação e curetagem, os processos mais comuns. Atualmente, 2% das mulheres brasileiras correm risco de vida nas mãos dos aborteiros ou pelo auto-aborto, que resultam em mais um problema grave de saúde pública.

A legalização do aborto chegou a ser cogitada como uma possível conquista das mulheres na nova Constituição, mas, diante da predisposição de 60% dos parlamentares se posicionarem contrários à idéia, o entusiasmo arrefeceu. "O aborto continua a ser colocado como uma guerra santa", pondera Cristina Tavares, "está colocado indevidamente na Constituinte, e por ser um assunto complexo e delicado, deveria ser aprovado ou rejeitado mediante um plebiscito popular".

Atualmente, os relatórios das comissões temáticas estão na Comissão de Sistematização, cuja função é compatibilizar as propostas. A deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ) relatora-auxiliar e uma das maiores opositoras à legalização do aborto, foi encarregada de preparar o relatório sobre a Comissão da Família, da Educação, Cultura e Esportes, da Ciência e Tecnologia e das Comunicações. Para a deputada Cristina Tavares isso não é motivo de preocupação: "a Sandra Cavalcanti não pode ser louca o suficiente para deturpar o conteúdo dos relatórios ao seu bel-prazer".



Rui Avarell

## O Aborto da Constituinte

EMIR SADER

Passados alguns meses da Constituinte, é como se a gravidez democrática do Brasil se estivesse revelando como de origem psicológica. No momento da votação dos relatórios das subcomissões, a única delegação significativa que foi acompanhá-la é a da União Democrática Ruralista (UDR), que conseguiu ajudar a fazer aprovar um retrocesso em relação ao Estatuto de Terra. Dos três relatórios situados mais à esquerda, dois foram rejeitados — da Ordem Econômica, substituído por outro, absolutamente retrógrado; e o da Família, Educação, Cultura e Esportes, da Ciência e Tecnologia e da Comunicação, que conseguiu ser obstaculizado, quando a direita possuía maioria; e o da Soberania e dos Direitos e Garantias do Homem e da Mulher pôde ser aprovado graças a alguns cortes e à extraordinária capacidade persuasiva do discurso democrático do seu relator, senador José Bisol.

Depois de pouco tempo foi possível ver que a luta era para evitar retrocessos irreversíveis, que atuassem as mãos do País para avançar na reforma agrária, na reforma urbana, na ação social do Estado, na democratização da utilização dos recursos governamentais no plano da educação, no controle social sobre os meios de comunicação.

O fio da meada não vem de tão longe assim, desde a rejeição da emenda Flávio Bierrembach, que propunha eleições separadas para a Assembleia Constituinte, com funções estritamente de redigir a nova Constituição, o enredo se desatou quase como uma tragédia grega: eleições parlamentares embulidas nas maioritárias para gover-

nadores, força total do poder econômico no financiamento de campanhas milionárias e ação concentrada dos lobbies sobre o Congresso.

A impressão inicial era a de que a maioria conservadora na Comissão de Ordem Econômica se devia à visão desses setores de que ali se determina tudo em última e primeira instância. Destacaram para essa frente de batalha gente como Delfim Netto, Roberto Campos, Afif Domingos, Roberto Cardoso Alves, Alysso Paulinelli, Albano Franco ao lado de representantes de imobiliárias, empresas de transporte e outras de vários ramos.

No entanto, essa maioria conservadora demonstrou ser muito mais extensa. Se nessa Comissão a maioria do PMDB votou fechada com Delfim contra Severo Gomes, em outras somou-se à moderação dos relatores ou se opôs às propostas de Artur da Távola ou de Bisol. A soma do PDS, PTB, PFL, PL e centro-direita do PMDB constitui um bloco consistente, o melhor amparo para a transição conservadora comandada do Planalto.

### Eixo à Direita

Mas se os Delfins e Roberto Campos são pouco representativos da sociedade, outros fenômenos ideológicos mais significativos contribuem para deslocar o eixo da Constituinte para a direita. Na Ordem Econômica, o discurso anti-estatizante de Afif Domingos, "defendendo" o contribuinte e o consumidor, assim como as micro-empresas, se reveste de um ar de modernidade, que as linguagens pífias que reduzem a democracia ao moderno, ao competente, à sociedade civil contra o Estado possibilitam.

Por outro lado, Bisol enfrentou um auditório muito mais representativo da sociedade brasileira atual. Se Delfim e Roberto não encham nem uma sala de visitas, os doze pastores evangélicos com quem o senador gaúcho polemizou brilhantemente o tempo todo lotam o maracanã com suas pregações e fanatismo. O nível da discussão foi incomensuravelmente mais baixo — imagine-se o debate sobre homossexualismo, pena de morte, aborto, com esse seletor público, com que Bisol gastava pérolas — mas retratava muito mais as salas de visita, os telespectadores de novelas e leitores de **Contigo**. Confundindo-se o lobby da TFP com a dos outros setores da Igreja contra o aborto. Embora tenha surpreendido a quantidade e qualidade das adesões dos membros da Igreja a Bisol.

Enquanto o Estado brasileiro for esse paquiderme impenetrável, sem transparência e controle social, os Afif Domingos proliferarão com seus discursos anti-estatistas e identificadores da liberdade com as leis selvagens do mercado. E enquanto o voto for obrigatório, não fazendo com que se tenha que disputar a mobilização da consciência cidadã — antes um dever que um direito — as maiorias silenciosas jogarão um papel fundamental nos consensos institucionais (como diz Delfim sobre a sua Comissão: "a minoria discute, a maioria vota").

Ainda é tempo. A partir de 15 de julho começa a funcionar o Plenário, as propostas populares podem entrar em discussão, a criminalização da democracia por via institucional ainda não está selada. Aborto na Constituinte ou aborto da Constituinte são questões que ainda estão por ser decididas.

## PARTICIPE DA CONSTITUINTE.

### assinine a proposta

Lançada no começo de junho, a proposta de iniciativa popular pela legalização do aborto está sendo encaminhada por grupos de Mulheres de São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. A tática de coleta de assinaturas será unificada. Além de postos fixos nas sedes, as mulheres prometem uma atividade semanal nas ruas para conseguir reunir o maior número possível de adeptos.

Para endossar, procure: em **São Paulo**, Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde, Rua Baltazar Carrasco, 89; União das Mulheres de São Paulo, Rua Santo Antonio, 1935; no **Rio de Janeiro**, Centro da Mulher Brasileira, Avenida Franklin Roosevelt, 39, sala 713; Nós Mulheres, Rua Marquesa dos Santos 10, Laranjeiras; em **Pernambuco**, SOS-Corpo, Rua do Hospício, 859/14, Recife, ou Av. 10 de novembro, 57, Olinda; em **Minas Gerais**, Centro de Defesa dos Direitos da Mulher, Rua Goitacazes, 14, sala 601; no **Rio Grande do Sul**, Grupo Mulher, Sexualidade e Saúde, Assembleia Legislativa, gabinete da deputada Ecléa Fernandes, tel 25-1522; e Centro Acadêmico André da Rocha da UFRGS



## GUERRA SANTA

A guerra contra o aborto na Constituinte é comandada por dois grandes poderes: a bancada dos deputados evangélicos — a quarta no Congresso — e a Igreja Católica, responsável por um dos mais poderosos lobbies constitucionais. A xenofobia dos parlamentares evangélicos contra o aborto chegou ao ponto do deputado Sotero Cunha atribuir à mulher a culpa pela violência sexual de que é vítima, afirmando: "Se a mulher não quiser, o homem não conseguirá estrupá-la". Para ajudar os evangélicos, a deputada Rita Camata (PMDB-ES) propôs a emenda de que "a vida será protegida desde a concepção" que, se aprovada em Plenário, veta qualquer endosso ao aborto nas leis ordinárias.

Provavelmente a Comissão de Sistematização deixe de incluir o aborto no seu anteprojeto, enfatiza a deputada Cristina Favares, "por não ser matéria constitucional; porém, a iniciativa popular pela legalização fica como emenda estratégica caso isso se configure". Segundo a deputada, os lobbies dos

adventistas não surtirão o mesmo efeito na discussão em plenário: "Se eles tinham uma bancada de dez parlamentares numa comissão, isso pesava; mas entre 559 parlamentares os 28 deputados serão minoria absoluta".

Mas a Igreja, além de contar com sua bancada de simpatizantes, está articulando também uma proposta de iniciativa popular contra o aborto. Na verdade, a proposta reúne mais dois assuntos diversos; liberdade religiosa e condenação da eutanásia, como se estas matérias fossem assuntos afins. Pior: ela deve circular nas mãos de pessoas menos avisadas, caso de muitos paroquianos que pensarão estar assinando apenas a liberdade religiosa. O veto efetivo da Igreja ao aborto não é tão antigo como a instituição. Surgiu no século I, quando o Concílio de Trento condenou o aborto junto com o trabalho feminino fora do lar. Antes disto, a Igreja não admitia que qualquer feto sem forma humana fosse batizado, por não conceber que um corpo inacabado fosse capaz de conter a alma humana. (S.S.)

# Campanha pelo Aborto Terapêutico

**Laurimar Coelho**

**P**reocupado com número crescente de mulheres grávidas que correm o risco de terem filhos portadores de doenças genéticas incuráveis e graves, o doutor Thomas Rafael Gollop, chefe do Serviço de Genética Humana da Associação Maternidade de São Paulo, decidiu lançar uma campanha a nível nacional pela descriminalização do aborto terapêutico, ou seja, aquele que é permitido caso o feto apresente afecção grave. Mas ressalta Gollop: "Particularmente, acho que toda mulher deveria ter o direito de abortar".

Segundo Thomas Gollop, atualmente no Brasil nascem por ano cerca de 10 mil crianças portadoras de Síndrome de Down, mais conhecida por mongolismo. Destas, 40% nascem de mães com quarenta anos de idade ou mais. Isto significa que cerca de 4 mil crianças nascem com risco genético sabidamente alto e passível de previsão por exames, como demonstra o teste viló-corial, realizado através da coleta do líquido amniótico contido na bolsa que envolve o feto.

Um aspecto a ser ressaltado é que a amniocentese para diagnóstico genético foi introduzida nos estados Unidos em 66 e a lei autorizando o aborto por anomalia fetal foi promulgada naquele país em 73. Foram necessários, portanto, sete anos para que a técnica fosse testada, amplamente difundida e aceita pela sociedade e pelos médicos. A partir daí, houve uma pressão social no sentido de fazer a lei adequar-se ao momento técnico alcançado pela medicina. No Brasil já existem vários centros preparados para efetuar diagnósticos genéticos no pré-natal com alto padrão de qualidade e acerto de diagnósticos, mas o aborto ainda é crime.

A campanha do doutor Thomas Gollop tem como objetivo principal a conscientização do risco que as mulheres possuem ao engravidar após os quarenta anos: "Não sou favorável à apresentação de problemas sem a devida solução. É preciso que se coloquem cartazes nas escolas médicas, em ambulatórios, em postos de saúde, nas unidades de assistência pré-natal, alertando para o fato de a gravidez na meia idade apresentar riscos", diz.

## A Campanha Cresce

A campanha desencadeada por Gollop, que já conta com 6 mil assinaturas, propõe a liberdade para o casal optar pela interrupção da gestação, no caso do feto apresentar problemas genéticos. Porém, ao contrário dos Estados Unidos e de alguns países da Europa, onde o aborto é permitido mediante pedido da gestante, no Brasil ele só é permitido se a mãe corre perigo de vida ou a criança é fruto de estupro, o que gera um impasse entre médicos, pacientes e as normas jurídicas nacionais.

Na opinião do doutor Thomas, o grande passo para a resolução deste problema seria a reformulação da Lei do Aborto: "Hoje, o país

EM SÃO PAULO, UM GRUPO DE MÉDICOS GENETICISTAS, LIDERADOS PELO DOUTOR THOMAS RAFAEL GOLLOP, COMEÇOU UMA CAMPANHA NACIONAL PELA DESCRIMINALIZAÇÃO DO ABORTO TERAPÊUTICO, QUE JÁ REUNIU 6 MIL ASSINATURAS. O ABAIXO-ASSINADO SERÁ ENCAMINHADO AO CONGRESSO EM FORMA DE MOÇÃO ATÉ O FINAL DO ANO.

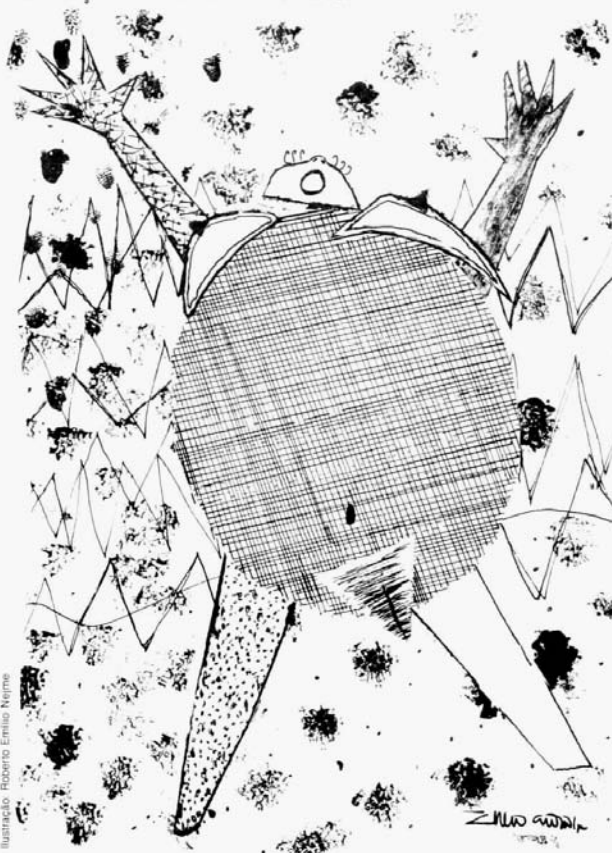


Ilustração: Roberto Ernani Negrini

atravessa um momento de revisão das normas jurídicas. Existe um anteprojeto, engavetado há vários anos, que propõe uma alteração do artigo nº 128 da Lei do Aborto, especificamente em seu inciso III, no sentido de descriminalização do aborto efetuado por médico, quando houver afecção fetal incurável e grave. É preciso que se discuta amplamente essa proposta no momento em que se propõe a participação popular na reformulação das leis do país".

Em um trabalho que vem realizando há oito anos, o doutor Thomas Gollop disse ter recebido em seu consultório cerca de noventa casais com risco de terem filhos com doenças genéticas. Destes casais, 85% referiam-se a mulheres grávidas com mais de quarenta anos: "Tivemos sessenta diagnósticos positivos, todos de anomalias fetais graves. Nenhum destes casais decidiu-se por

manter a gestação, e algumas delas foram interrompidas em hospitais da rede pública", pondera.

Para Gollop, existem em São Paulo inúmeros hospitais e clínicas que atendem esse tipo de caso e que fazem o aborto ilegal com eficiência, sem colocar a saúde da mãe em risco. "No entanto, há alguns curiosos de experiência profissional duvidosa que têm dado esse tipo de assistência, o que é lamentável", diz.

## Como Aderir

Com apenas dois meses, a campanha pela legalização do aborto por afecção grave e incurável proposta por Gollop tem recebido adesão de entidades ligadas ou não à questão da mulher, como universidades de todo o país e médicos, numa manifestação pública

inédita.

Até então, segundo Gollop, já foram recebidas 6 mil assinaturas, que serão levadas ao Congresso Nacional em forma de moção com o objetivo de pressionar as autoridades a reformularem a Lei do Aborto: "É preciso que se mobilize a opinião pública a respeito deste problema e que um parlamentar assuma esta nossa causa, mesmo que ela seja da competência da lei ordinária e não da Constituinte". A participação popular é fundamental, mas ainda temos um poderoso adversário: a Igreja Católica, que endossa a idéia de que a mulher não tem direito sobre o corpo do filho, apesar de São Tomás de Aquino ter afirmado que a alma só entra no corpo após sessenta dias de fecundação.

A Igreja Católica sempre liderou os movimentos contra o aborto, pois de acordo com a Irmã Cecília, responsável pelo Centro Nacional de Planejamento Familiar, a Igreja Católica é contra tudo o que prejudica a vida. Evasiva, Irmã Cecília pondera não ser contra as pesquisas tecnológicas no campo da medicina. "Acho bom que possamos diagnosticar e combater muitas doenças. Afirmo apenas que antes de apoiarmos o aborto, precisamos apoiar a educação pré-natal e o método natural de anticoncepção. Todos defendem o aborto, mas se esquecerem dos traumas psicológicos que traz para a mulher".

Por enquanto, os abaixo-assinados estão distribuídos apenas em São Paulo, nos seguintes locais:

### COLETIVO DE MULHERES

Rua Baltazar Carrasco, 89 — Pinheiros  
Fone: 212 8681

### UNIÃO DE MULHERES

Rua Coração da Europa, 1395

Bela Vista — Fone: 36 2367

### CASA DA MULHER DO GRAJAÚ

Rua José Bezerra Filho, 183 — Grajaú

Fone: 520 2775

### FUNDAÇÃO CEBRAP

Rua Morgado de Mateus, 615

Vila Mariana — Fone: 544 4699

### CENTRO DE ORIENTAÇÃO JURÍDICA E ENCAMINHAMENTO DA MULHER

Rua Tabatinguera, 68 — Liberdade

Fone: 258 0022

### CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Gabinete da Deputada Iredé Cardoso

Viaduto Jacareí, 100 — Centro

Fone: 259 8388 ramal 286

### CONSELHO DA CONDIÇÃO FEMININA

Rua Estados Unidos, 346 — Jardim Europa

Fone: 887 0900

### CASA DA MULHER

Rua Santo Antônio, 1048 — Bela Vista

Fone: 255 5732

### CIRCO ESCOLA PICADEIRO

Avenida Cidade Jardim, 1105 — Jardins

Fone: 813 6609

### CENTRO DE INTEGRAÇÃO HUMANA

Rua Fradique Coutinho, 1574 — Pinheiros

Fone: 815 9966

### MATERNIDADE DE SÃO PAULO / Departamento de Genética

Rua Frei Caneca, 1245 — Bela Vista

# ESPOSA: MÃE OU LOUCA?

## O ESPELHO DO MUNDO



Juquery  
A História de um Asilo

O ESPELHO DO MUNDO  
Maria Clementina Pereira Cunha  
Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986

### EMIR SADER

Se o manicômio é o espelho do mundo, ele devolve para a mulher uma imagem particular. Desde que a medicina social, a partir da segunda metade do século passado, se colocou a serviço da ordem social, a constituição de uma família moralizada e higiênica fez da mulher uma cúmplice indispensável do médico na função de moldar a família.

"Quando os costumes souberam elevar a mulher à altura de sua missão, o espírito (obs: dos homens) será escravizado pelas expressões abençoadas do seu coração que, conhecendo como lei suas a honra e o pudor, saberá traduzir as crenças da mulher que ache para espelho de suas belezas, não as elegâncias da vaidade, traduzidas pelo farfalhar da ruidosa seda ou ingrata popeline, e sim no eco surdo, mas cheio de ternuras, da modesta cambraia, que sabe envolver com escrupulo nas suas imperceptíveis fimbrias, os primores da virtude da casta donzela". Relatório dos trabalhos acadêmicos de 30 de junho de 1878 a 30 de junho de 1879, lido em Sessão Magna da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro em 30 de julho de 1879 pelo Secretário Geral, Dr. José Pereira Rêgo Filho, citado por Maria Clementina em seu livro.

O enfoque dos casos de internação no Juquery vale não apenas para tomar consciência das gerações de mulheres segregadas e estigmatizadas naquela instituição, considerada modelo no momento da sua criação. Mas serve, igualmente, para esclarecer os tipos de

comportamento condenados pela normatização familiar imposta desde aquele momento e que marcaram as atitudes, as censuras e as auto-repressões no desenvolvimento de tantas gerações. A classificação de "louca" era certamente um parâmetro que pairava sobre a cabeça e o imaginário das mulheres, na hora de definir seus comportamentos. A patologia definia a volta à normalidade delimitada por ela mesma.

Já nos tratamentos de laborterapia — a última moda, naquele momento — os homens se dedicavam à roça e a outras atividades profissionalizantes, enquanto às mulheres era reservado o trabalho doméstico: "a agulha, o fôlego, a sala dos trabalhos manuais, espaços fechados condizentes com a idéia da normalidade da condição feminina".

Mas a relação diferenciada com o trabalho é apenas uma derivação da função central da mulher na reprodução da ordem social; a patologia terá como referência central os desvios em relação ao binômio esposa/mãe. A "loucura" dos homens está prioritariamente associada à violência. "O louco" xinga, agride. Já "A louca" transgredir a esfera privada: a utilização da sexualidade para a reprodução, violentada pelo atentado ao pudor, a recusa ao casamento, à maternidade e à família. Ela não transgredir as normas sociais, mas a própria natureza. Tanto assim que, "tradicionalmente os alienistas associaram a loucura feminina a fases críticas de seu corpo": adolescência, parto e menopausa.

A impressionante galeria de casos e fotos recolhidos por Maria Clementina nos arquivos do Juquery testemunha a trajetória dos que foram expropriados de seu espaço social. Entre elas está Luiza, de 28 anos, estado maníaco: "casada, desde a primeira relação sexual não teve o gozo sexual"; Alice, de 12 anos, "parda", empregada doméstica: "não só bebia, como mascava e fumava"; "não gosta de fazer o menor trabalho"; Irma, 22 anos, "loucura moral: vaidosa, independente, voluntariosa, atrevida por vezes em suas expressões, sem dar mostras de afetividade pelos parentes; desenvolta nos modos de agir, procura exibir as pernas o mais que pode quando sentada, realçar o contorno dos quadris quando anda, e avivar a beleza do seu rosto no exagero das pinturas que adota, a mostra cabal desta coquetterie doentia que motivou a sua reclusão".

Histeria, promiscuidade, degeneração, luxúria, libertinagem, perversões — esses alguns dos nomes que designavam os inimigos da normatização familiar burguesa, correlato indispensável da tríade família-escola-trabalho, forma de limpar as ruas, para que as leis do capital possam fluir livremente, com o auxílio indispensável da psiquiatria e das instituições fechadas.

Os ecos dos gritos desesperados desses humilhados e ofendidos nos chegara agora, com a abertura dos arquivos do inferno do Juquery, ainda vivo e considerado modelo. Florinda, viúva, 58 anos, negra, clama ao seu filho Tônico: "(...) A educação do lar não te far-

tou e a estruturação que chegou escureceste a luz mais clara, eu aqui como indigente para mais depressa a vida findar (...) Inbarquei no carro da Segurança Pública acompanhada de deois sordados paizanos (...) Tu pagou o leite que mamou as dores que sofri e noites malpassadas. A qui no degredo incarcerada viajei em vagão de criminoso... Deos mi deu olhos

e não mi deu lágrimas as lágrimas são tuas. Qui si acabe essa mardita e mal fadada apir-siguição qui este poco resto de vida mal tratada quero morer fora da prizoão quero sortar aultima respiração num canto sucegada... Guarde esta para algum dia lembrar-se de mim."

Quem reconhece esta imagem no espelho?

## CIDADÃ OUSADA DE SEGUNDA CLASSE

SILVIA CINTRA FRANCO

Romance autobiográfico, *Esta Valsa é Minha* é o lamento e o brado de rebeldia de Zelda Fitzgerald, esposa do bem sucedido e talentoso Scott Fitzgerald, autor de *O Grande Gatsby* e *Suaive é a Noite*.

"Oh, papai! Estou tão cansada de ficar sentada na varanda, sair com rapazes e olhar as coisas se deteriorarem", lamenta. Ádua vivência a de ser mulher no início do século com a vivacidade e inquietação de uma Zelda, e ouvir em resposta a esta queixa reprimidas e censuras como esta que ela registra: "essas garotas — dizem as pessoas — pensam que podem fazer qualquer coisa e ficar impunes".

Zelda e Alabama Knight não ficaram impunes. Pagaram com a sanidade mental, num hospital de doenças nervosas, a primeira; e com a enfermidade, a segunda. Pagaram por sua ousadia e obsessão: o sucesso. Meta proibida à mulher, a quem a sociedade destina o papel de princesa de seu homem, e este, por sua vez, lhe impõe manter-se "fechada para sempre numa torre de márfil para meu deleite particular". Duidoso galanteio que lhe dirige o enamorado David Knight/Scott Fitzgerald. Além de escrever à ponta de faca na madeira de uma porta: David Knight e Alabama Ninguém.

Alabama, tal qual Zelda, luta contra a força do me o e se rebea ao jugo e ogo de ser Princesa Nguém ansia por sair ca nsignificância dourada. Zelda, como Alabama, sentiu "que ela não tinha nada para dar ao mundo e que nem sabia como se descartar do que tomava para si". Mas como dar algo ao mundo, quando ele nega à mulher a possibilidade e o preparo para outra coisa que não a maternidade e o cuidado da casa?

Zelda traça um retrato autêntico e amargo da época. Pinta o verão de ilusões da Costa Azul e o inverno de expectativas de Paris. E, nesta tela arrebatada, o vazio é o pano de fundo. Um vazio sobre o qual Alabama, o alter ego de Zelda, parece equilibrar-se, buscando, em vão, um ponto de apoio, "uma perspectiva de nós próprios, um elo entre nós e todos os va ores mais permanentes".

Nesta valsa, Ze da fa a da infância no su dos Estados Unidos sob o tacão de um pai — e — severo. Um pa imbuído das certezas que convêm a uma garota e surto aos apelos dessa menina por uma vida mais festiva, mas a avá. E depois, passados os anos, as festas, as despedes ras fca o amento. "Quand

do uma pessoa chega aos anos em que saberia escolher uma direção, o dado já está lançado e passou há muito tempo o momento que determinou o futuro". Ai, o balé a que Zelda/Alabama queria se dedicar e para o qual não tinha mais idade, chegava tarde.

Neste romance, único da A., Zelda procura reordenar experiências, alcançar uma compreensão do vazio, salvar-se através da Literatura, como aponta Caio Fernando Abreu num prefácio bonito e sensível. Zelda não se salvou, como não se salvaram Ana Cristina Cesar e Sylvia Plath. A Literatura não é antídoto para as amarras que a vida impõe às mulheres. Ajuda a ordenar, aclarar, talvez compreender, mas não redime da cidadania de segunda classe que se estende armado nas e retarda o passo. Tanto que a f na mente a cançada a liberdade para a opção, a mulher topa com a verdade amarga: já passou há muito o momento de determinar o futuro.

No romance, não há narrativa linear, estruturada. São parágrafos colagens, uma narrativa pictórica, impressionista, em que o que pesa são as cores da emoção e não a forma. Os diálogos espelham ora o clima da *vie en rose*, a superfície das águas de narciso, ora o ambiente suado e ofegante do mundo das mulheres sós, obstinadas em vencer sobre a ponta dos pés. Zelda descreve a vida numa narrativa truncada, em corruptions, como uma grande valsa, as cenas se sucedendo em volutes alucinantes. *ESTA VALSA É de Zelda*. O romance evidencia a presença da escritora mas por não permite patetice a rebe da A. em conformar-se com a vida presc ta as mulheres de seu tempo na infância, sentar-se à varanda na mat. e dae "escar-se numa torre de márfil. Ze da como essas garotas que as pessoas a zem pensou, que pod a fazer qualquer coisa. E não fco. impune



ESTA VALSA É MINHA  
Zelda Fitzgerald  
Tradução de Rosaura Eichenberg  
Companhia das Letras,  
São Paulo, 1986



## OS DILEMAS DA MODERNIDADE

## UMA NOVA FAMÍLIA?

O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira

UMA NOVA FAMÍLIA?  
O MODERNO E O ARCAICO  
NA FAMÍLIA DE  
CLASSE MÉDIA BRASILEIRA

Organização de Sêrvulo Augusto Figueira

Rio de Janeiro, Zahar, 1987

MARGARETH DE ALMEIDA  
GONÇALVES

A liberação da mulher, as transformações da relação entre pais e filhos e outros temas são indicadores de mudanças no âmbito da família. Ao se deparar com o universo familiar dos anos 50, tende-se vê-lo como tradicional e "careta". Nos dias atuais o relacionamento familiar passa a ser olhado como mais igualitário e menos preso a definições prévias de papéis. A modernização que tem afetado os mais diversos setores da sociedade brasileira atingiu a família, alterando seu cenário e suas referências. Se o rompimento com o antigo ideal hierárquico de família não ocorreu plenamente, ele é visto, no entanto, como ultrapassado.

A família de classe média brasileira é o tema que une artigos publicados numa coletânea organizada pelo psicanalista Sêrvulo Figueira com o título de *Uma Nova Família? O Moderno e o Arcaico na Família de Classe Média Brasileira*. A coletânea, que reúne psicólogos e cientistas sociais, procura refletir as dificuldades e os impasses sofridos pela família de classe média no processo de modernização acelerada da sociedade brasileira e aponta a convivência, nem sempre harmôni-

ca, do moderno e do arcaico.

Sêrvulo Figueira apresenta uma leitura alternativa, fornecida pela psicanálise e pelas ciências sociais, no estudo das transformações dentro do universo familiar. Ele destaca alguns mecanismos da estrutura do sujeito que, apesar de invisíveis e inconscientes, permanecem ainda como exemplos a serem seguidos. É uma das vias que tem sido escolhida para a resolução do "conflito" é a que Sêrvulo Figueira denominou de "modernização reativa" ou "falsa modernização". Na "modernização reativa", o sujeito muda o conteúdo do comportamento, mas o mecanismo continua sendo arcaico. Uma ditadura do novo é imposta, não deixando ao sujeito a capacidade de optar, escolher.

Um exemplo de "modernização reativa" é notado no artigo de Maria Isabel Mendes de Almeida, *A Nova Maternidade, que pesquisa o fenômeno da maternidade "alternativa"*. Na "nova" maternidade a mulher tende a se afastar da sua família de origem e a valorizar a participação do marido no período de gravidez e parto, buscando na rede de profissionais de psicologia, homeopatia e trabalho de corpo, fontes de autoridade. Segundo Maria Isabel, a maternidade "alternativa" é uma resposta reativa ao modelo tradicional de gravidez, já que depende da produção de uma série de mecanismos que forneçam a ilusão de uma opção individual e única.

A ambigüidade da modernização é vivida também por pais na escolha de uma escola para seus filhos, como indicado no artigo de Ana Maria Nicolaci da Costa, *Família e Pedagogia*. Frente às distintas propostas de pedagogia, pais se mostram indecisos no momento de optar: escolas experimentais que priorizam características individuais da criança ou escolas tradicionais que valorizam a transmissão de conhecimentos *tout court*. O conflito de pais quanto à educação de seus filhos é reflexo da singularidade do processo de modernização da sociedade brasileira. O peso de formas tradicionais de organização familiar é observado em projetos que buscam romper com o modelo clássico de família (pai, mãe, filhos), como revela a condição da mãe solteira em camadas médias urbanas, explorada no artigo de Tania Dauster, *A Invenção da Amor*. A procura de ruptura com o ideal de família pode ainda ser captada no comportamento da juventude. Fernanda Moura, em *On-de estão os rebeldes?*, discute a "rebelião" da juventude através de um estudo do *graffiti* e sublinha a sua positividade, enquanto um movimento "criativo" de interferência na ordem social.

A associação entre a difusão de noções e conhecimentos psicológicos e a modernização das relações familiares é pesquisada por Tania Coelho dos Santos em *De Dona Letícia a Carmen Silva* através da análise de revistas femininas. Da leitura de uma coluna da revista Cláudia, intitulada *A Arte de Ser Mulher*, o artigo mostra a passagem de uma consultora leiga (Ana Letícia) para uma psicanalista (Carmem Silva), que não mais aconselha leitoras mas problematiza suas queixas. Já o teatro de Nelson Rodrigues está presente no artigo de Maria José Carneiro, *A Desagradável Família de Nelson Rodrigues*, mostrando que, ainda em anos 50, alterações na ordem familiar eram percebidas, implicando no seu enraquecimento como agente de controle e normatização.

*Uma Nova Família?*, a despeito das diversas orientações teóricas e metodológicas, aponta para a coexistência do moderno e do arcaico na família brasileira de segmentos médios reavivando nas questões numa reflexão que tem o merito de avariar condições das condições sociais e da psicanálise.

Margareth de Almeida Gonçalves é historiadora e pesquisadora do Centro de Estudos Sociais Aplicados, Cesad, do Convento Jesuítico Cândido Mendes, RJ.

## A TERCEIRA VIA

## DO AMOR

LUCIA CASTELLO  
BRANCO

Dentre as várias formas de amor, talvez se possa detectar um traço comum: a transitividade. Afinal, ama-se geralmente o outro: amante, filho ou irmão, o objeto do amor garante sua existência, atribui-lhe um significado. Mas o que dizer do amor que, atópico, não se dirige a lugar algum (ou se dirige a todos os lugares) e obedece a uma outra sintaxe, não a do sujeito-objeto, não a do complemento, mas a do suplemento?

Este é o amor dos místicos. Este, talvez, o amor femininamente marcado, o gozo a *mais* a que se refere Lacan. Este, certamente, o amor de que nos fala Adélia Prado, em seu mais recente livro de poemas, *O Pelicano*: "ama e nem sabe mais o que ama".

Aí, neste lugar de um gozo disseminado, a presença de Deus se instala. Obstadamente. Ai a presença de um Deus tudo, de um Deus todo, mas também de um Deus corpo, Jesus ou Jonathan: "Jesus, José, Javé, Jonathan, Jonathan, / a flor mais diminuta é meu juiz". Ai se constrói a "mística erótica" de Adélia, onde se ouvem ecos de Santa Teresa de Avila ou Mariana Alcoforado: "dentro da terra, / sobre leitos de areia os lençóis d'água; / é como ferrir o peito com uma lança / estremeço de amor pelas torrentes, / como de amor por Jonathan".

E talvez neste lugar de disseminação do gozo, do amor sem objeto, coloque-se genuinamente a problemática do objeto de amor: afinal, é próprio da transitividade do desejo que ela não possui um complemento. Por isso, seu objeto é sempre fugidivo, sempre alucinado, sempre um itinerante vazio a ser preenchido. O que se ouve, nos poemas de Adélia, é, portanto, o desejo intransitivo, ou o desejo de um desejo insatisfeito: "Desde a juventude desejo e desejo / a presença que para sempre me cale. / As outras meninas bailavam, / eu estava querendo / e só de querer vivi".

O que resta ao sujeito sem objeto, a este sujeito sujeito a seu objeto alucinado, senão falar, sibilar, fibrilar a fala delirante do desejo? "Falar amorosamente é gastar interminavelmente, sem crise; é praticar uma relação sem orgasmo", diz Roland Barthes<sup>2</sup>. "Não há

palavras para dizer o gozo. Mas apenas palavras de amor, que dizem e não dizem", completa Eugénie Lemoine-Luccione<sup>3</sup>.

Assim, a "presença que para sempre me cale" jamais surgirá. Assim, a lacuna do desejo é preenchida por palavras e palavras que instauram uma nova lacuna: a da linguagem. E aí, neste lugar do vazio e da disseminação, dá-se o "nascimento do poeta", onde se encontram o amador e o poeta, o místico e o erótico: "Meu espírito - o que é alento de Deus em mim - te deseja / pra fazer não sei o que com você. / Não é beijar, nem abraçar, muito menos casar / e ter um monte de filhos. / Quero você na minha frente, estático, / Francisco e o Serafim, abrasados - / e eu para todo o sempre / olhando, olhando, olhando..."

Como o pelicano, que se alimenta de suas próprias carnes, o desejo se alimenta do desejo, a palavra da palavra. E assim se constrói uma nova linguagem, quem sabe uma pré-linguagem, feita de silabações, fibrilações, mais próximas do corpo da mãe que da lei do pai, onde "sinais valem palavras, / palavras valem coisas / coisas não valem nada" e onde o discurso se estiliza e mergulha no momento primeiro da significação: "granito, lápide, crepe / são belas coisas ou palavras belas? / Mármore, sol, lixívia".

Este, talvez, o gozo a *mais*: além do outro, aquém da linguagem. Não o gozo de Vênus. Não o gozo de Maria. O gozo aí escapole, escorrega, trapaceia, trai. Vai gozar num outro lugar, numa outra margem, numa terceira via.

Lucia Castello Branco é professora de Literatura Portuguesa na Universidade Federal de Minas Gerais, mestre em literatura lusobrasileira pela Universidade de Indiana (USA) e autora de *O que é Erotismo e Eros travestido*.

Notas

<sup>1</sup>LACAN, Jacques. Deus e o Gozo DA Mulher. In: *O Seminário*. Livro 20; mais, ainda. Trad. M.D. Magno. 2ª ed. RJ, Zahar, 1985.

<sup>2</sup>BARTHES, Roland. *Fragments de um Discurso Amoroso*. Trad. Hortênsia dos Santos. 4ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1984. p. 64.

<sup>3</sup>LEMOINE-LUCCIONI, Eugénie. *Partage des Femmes*. Paris. Seuil. 1976. p.101.

ADELIA PRADO  
O PELICANOO PELICANO  
Adélia Prado

Rio de Janeiro, Guanabara, 1987



Na intimidade, elas riem de suas próprias carências e das fragilidades masculinas

Divulgação

## POR TRÁS DA IMPOSTURA, A ANGÚSTIA

NICOLAU SEVCENKO

É um filme fascinante *O Declínio do Império Americano*. Passeia por inúmeros gêneros, comédia de costumes, drama psicológico, cinema de tese, crítica social, retirando o melhor que pode de cada um, mas não se deixando identificar com nenhum deles em particular. Some-se a isso direção e roteiros magistrais (Derys Arcand), excelentes atores e fotografia refinada, para se ter a fórmula do filme obrigatório e a chave do carrossel de prêmios os mais prestigiosos que o filme vem arrastando atrás de si (Prêmio da Crítica Internacional de Cannes/86, Prêmio dos Críticos Italianos de Taormina/86, Seleção do Festival de Nova York/86, Prêmio do Público do Festival de Vichy/86, Oscar de Melhor Filme Estrangeiro/87, entre outros). Não é pouca coisa. Mas o prazer que o filme proporciona ao espectador é ainda maior e mais convincente do que o prestígio que ele angariou.

A história transcorre no centro e arredores de Quebec, Canadá, num meio social de abundância econômica e sofisticação cultural. Os personagens são quatro mulheres, Dominique (Dominique Michel), professora de História e escritora, Diane (Louise Portal), também professora de História, mas frustrada por ter tido sua carreira intelectual comprometida pelo primeiro casamento, Louise (Dorothee Barryman), esposa de um professor de História, Rémy, e com veleidades de bem casada e Danielle (Genevieve Rioux), aluna de história e prostituta numa casa de massagens nas horas vagas,

onde conhece, se apaixona e passa a ter um caso com um professor do curso, Pierre. Os demais são cinco homens, Rémy (Rémy Girard) e Pierre (Pierre Curzi), marido e amante respectivamente de Louise e Danielle, ambos

professores de História, Claude (Yves Jacques) homossexual e professor de História da Arte, Alain (Daniel Brière) jovem iniciante na carreira do magistrado e Mario (Gabriel Arcand), figura barra pesada do sub-mundo urbano.

Dominique escreveu um livro que fornece a tese subjacente ao filme. Entrevistada logo no início, ela expõe seu ponto de vista, segundo o qual a saturação e decadência de uma civilização se manifestam quando os membros de uma sociedade deixam de orientar seu comportamento pelo quadro de valores éticos em nome dos quais ela se constituiu, passando a dedicar-se com maior intensidade à busca e fruição dos prazeres mais palpáveis e imediatos. Como historiadores que são na sua maioria, eles sabem que esse indicio é inquestionável. Mas há ainda agravantes: com exceção de Danielle, Alain e Mario, todos os demais já passaram dos quarenta anos e já abriram mão das suas altas ambições intelectuais. Além de que, são canadenses, ou seja, provincianos tanto em relação à cultura francesa, quanto à sociedade americana. Como historiadores eles sabem que, apesar de sua fatura e conforto, estão à margem de qualquer corrente significativa da história do mundo. Seu único consolo é compartilhar lucidamente

o declínio da civilização ocidental (ou Império Americano) e poder assistir de perto à explosão nuclear dos Estados Unidos.

Convenhamos que não é exatamente o que chamaríamos de um clima psicológico relaxante. O canal de saída para a amargura acumulada desse núcleo de "tratés", acaba é claro sendo o sexo. Muito sexo. Mais verbalizado, simbolizado e projetado, entretanto, do que espontaneamente fruído. Para eles, o sexo se torna uma obsessão, uma tábua de salvação, uma entidade mítica, mais do que uma forma privilegiada de prazer. E nenhum deles consegue resolver adequadamente essa equação entre a angústia de querer ser sexualmente feliz, e os limites de sua experiência esvaziada de esperanças. É cruel, mas é a partir daí que fica engraçado.

Até o começo do filme, os grupos de mulheres e homens estão separados, elas se esbalfando na academia de ginástica no centro e eles preparando o jantar numa casa de campo às margens do lago Memphremagog. Num sequência frenética de cortes de um grupo para o outro, entremeadas de flash backs, Arcand expõe as fraquezas e delírios de cada um e de cada grupo. Os homens vibram com seu narcisismo fálico e esculhambam as carências afetivas e sexuais femininas, tanto quanto as fantasias homossexuais. As mulheres por sua vez, se deliciam tripudiando sobre o orgulho masculino e revelando mutuamente seus sádicos truques para a humilhação da virilidade enfatuada. É um show de gags irresistíveis e que expõe as fantasias sexuais tanto de homens, quanto de mulheres e homossexuais completamente a descoberto, revelando o mais íntimo do seu ridículo, em que todos submergimos.

Quando os dois grupos se encontram à noite, porém, as coisas se complicam. Os conflitos passam do nível da fantasia para o da ética. O sexo é sem dúvida a maior fonte de prazer, mas é também a arma mais brutal para humilhar, controlar ou destruir alguém. Nada se resolve no filme. Nenhum dos casais encontra uma fórmula definitiva de felicidade sexual ou amorosa. Apenas equilibram precariamente as suas obsessões e frustrações ao sabor das contingências incontroláveis. Como diz Arcand, ele próprio um historiador, "a história é uma espécie de força cega, que avança como um iceberg e quer você esteja consciente ou não, continuará avançando". É gelado, mas é real.

Nicolau Sevcenko é professor de História Moderna na Universidade de São Paulo

### RISÍVEIS MISÉRIAS

"Com o fim do sonho marxista-leninista ruiu a última esperança de uma sociedade feliz. A nível pessoal é quase impossível moldar a vida num exemplo. Vivemos a degradação da existência." A partir desta tese tudo é possível: o amor entre professor e aluna nascido numa casa de massagens, o terno romance entre o jovem recém-formado e a chefe do Depto. de História da Universidade em seus cinquenta anos (Dominique, a autora da frase), a relação sado-masoquista de Diane e Mario — "Nada a ver com mulheres espancadas. Eu nunca tive tanto poder, o poder da vítima, sabe?"

As confissões se sucedem cruelmente hilárias, elas falando sobre o pênis "deste tamanhinho, como um bebê" do aparente machão, ou "pelo calor de um ventre domingo de manhã eu seria capaz das maiores baixesas", eles sobre a batalha que é fazer elas terem orgasmo, "começa por achar o clitóris, uma tarefa delicada, como encontrar agulha em palheiro", ou "o sexo provoca doença", apontando os mionas e fibromas e vaginites que têm as mulheres que, afinal, menstruam. E vivem em busca de mestres e gurus.

Só não há lugar para a inconsciência — da mulher que se acredita bem casada com um marido que come todas as mulheres, "até a última secretária". Mas há esperanças, sobretudo no comportamento dos jovens, direitos na expressão amorosa e sem ambições além de serem um pouco felizes. E no próprio desnudamento das obsessões humanas, masculinas e femininas, como aquela por bundas — tema recorrente no filme. E ainda na coragem de fazer afirmações como esta, de Dominique: "Marx era um burguês que comia as criadas na adega. Freud não conseguia transar com a mulher depois dos 40 e se excitava incrivelmente com suas pacientes. Suas querelas com Jung não passam de histórias de mulheres, histórias de bundas. Eu me pergunto se todas essas teorias não têm a ver com a culpa. E penso que não se deveria escrever senão sobre aquilo que se viveu." **Inês Castilho.**

# O JOGO DAS IMAGENS

MARINA HECK

O brasileiro é obcecado por bunda". Esta afirmativa está se tornando cada dia mais verdadeira. Enquanto na Europa a tendência que se afirmou foi a do "topless", no Brasil se inventou o "fio dental". Os seios mostra tiveram um primeiro efeito chocante, mas logo se impuseram nas praias e piscinas européias com muita naturalidade. O machismo sul-americano não permitiu tal audácia, e a necessidade de dar mais liberdade ao corpo encontrou seu similar no incômodo "fio dental". Passado o verão e a grande explosão de bundas femininas nas praias e bailes de carnaval, agora é a vez dos traseiros masculinos invadirem a nossa domesticidade através da publicidade na televisão. O exibicionismo masculino convvida a um "voyeurismo" por parte das mulheres, que experimentam assim um prazer antes só permitido aos homens.

Uma reflexão interessante é o que faz com que as bundas sejam objetos de marketing. Tanto o "fio dental" quanto a bundinha que mexe da Hope, ou ainda a bunda masculina em tantos anúncios, estão com certeza ligados à ambivalência sexual desta parte do corpo humano. Ambivalência sexual que vem sendo explorada pela publicidade não apenas sob esse aspecto, mas em geral, por exemplo no anúncio de duas páginas inteiras nas revistas, da Gucci e da Calvin Klein — esta última, tendo tido os seios femininos censurados, perdeu grande parte do efeito.

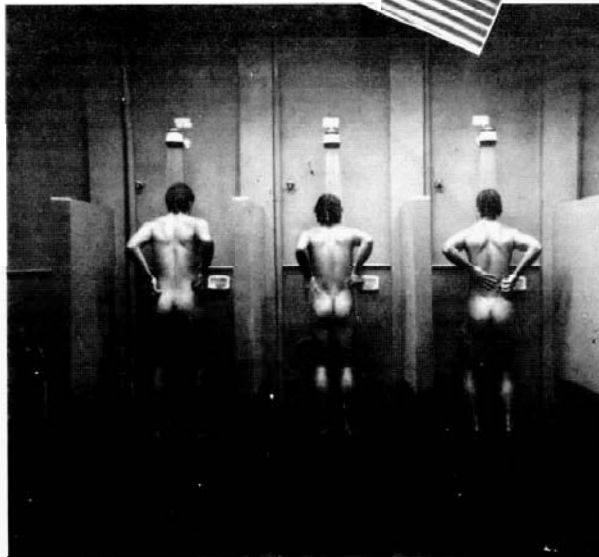
## A Mulher de Sempre

Não é de hoje que a publicidade vem impondo papéis sociais femininos em função do seu consumo. Ao invés de se identificarem com o que produzem, as pessoas se identificam cada vez mais com aquilo que consomem. A grande explosão da produção e o afluxo de bens industriais vêm transformar sobremaneira a concepção do lar, que deixa de ser o refúgio do artesanato e da auto-subsistência para vir a ser o lugar, por excelência, do consumo dos produtos industrializados.

A imagem da mulher na publicidade dos anos 20 foi marcada pela preocupação em identificá-la como a chefe da casa, encarregada da gestão do lar e, portanto, a grande consumidora em potencial. Foi preciso para isso atrair as mulheres para as vantagens dos produtos que o mercado oferecia. A mulher nos anúncios da época era primeiramente apresentada como a administradora da economia doméstica; suas atividades cotidianas passavam a ser um elemento capital do bom funcionamento do sistema industrial.

Além do apelo óbvio para o consumo das novidades eletrodomésticas, a publicidade pedia às mulheres para também interverem em áreas que por princípio não eram de seu domínio. Por exemplo, um anúncio no *Saturday Evening Post* de 1929, sobre óleo Mobil para

Bumbuns masculinos ajudam a vender ducha



Divulgação: Lomenetti

motores de automóvel, induzia à participação feminina: "Seu marido pode esquecer, mas você não. Você sabe que economizando (nos cuidados do carro) terá mais dinheiro para comprar outra coisa".

Um grande incentivo era dado para que as mulheres se modernizassem, para que rompessem com velhas tradições, utilizando detergente. Não era mais preciso ferver a roupa como a avó fazia. Hoje, a indústria e a técnica já são parte da vida cotidiana, não é mais necessário convencer ninguém de sua praticidade. Algumas publicações buscam então realçar os aspectos tradicionais de tal ou tal produto. Os produtos que passam de geração em geração traçando assim o percurso tradicional dos valores da família estável e sedimentada. É o caso dos atuais anúncios do Arroz Tio João e das Padeiras Rochedo, nos quais o valor tradição e família atestam suas qualidades.

Uma vez que as mulheres foram "liberadas" das árduas tarefas domésticas pelos fantásticos eletrodomésticos, poderosos detergentes e extraordinários alimentos pré-fabricados, sobrou-lhes tempo e, se geriram com sucesso a economia doméstica, dinheiro também. A publicidade pôs em cena então uma mulher que precisa cuidar de si mesma,

agradar aos outros, ser bela, não envelhecer e sobretudo ser sexualmente desejável. Precisa consumir para seduzir. O poder de sedução está em todos os produtos. Primeiro e obviamente nos produtos de beleza, onde o apelo à sexualidade é flagrante no realce dado às partes do corpo feminino de valor fetichista: meias/pernas, batom/lábios, perfume/pescoço-colo, sabonete/dorso, shampoo/cabelos, desodorante/axilas-seios.

Mas essa ideologia da sexualidade pode também ser passiva e virginal: moças loiras de cabelos esvoaçantes, vestidas de branco, correndo numa relva verde e fértil, sugerem uma sexualidade primaveril que pode servir para anunciar todo e qualquer tipo de produto. A ambigüidade destas representações da sexualidade fica mais saliente nas representações narcisistas, onde o prazer da mulher é induzido pelo simples consumo do produto, sem contar necessariamente com a presença do homem. A imagem da mulher se acariciando, olhando no espelho, numa atitude tipo soft-porno adiciona ao narcisismo uma insinuação de masturbação. Por exemplo, na publicidade da lingerie Du Loren, onde uma voz off feminina lânguidamente anuncia as qualidades do produto, enquanto uma mão a acaricia.

## Tom da Ideologia

Os tempos também mudam o tom da ideologia feminina na publicidade. Os anos 60 foram especialmente ricos em anúncios que apelavam ao incentivo à sexualidade. Um anúncio inglês de batons *Yardley* dizia: "As meninas estão voltando com lábios aquecidos". Os batons de sucesso deveriam aquecer e umedecer os lábios. Hoje vemos um anúncio que, aparentemente, contrapõe dois sistemas de referência ideológicos: a sexualidade feminina representada pela boca delimitada por um batom úmido e de cor forte, gritando um palavrão com uma agressividade de conotação tipicamente masculina. O clipe de TV anunciando o batom Boka Loka engloba uma contradição no seu significado, criando um signo novo - a "agressividade feminina", até agora pouco presente na publicidade, sobretudo quando ligado a um produto de sedução.

Significados diferentes também podem ser dados à representação de um mesmo papel social. A mulher que trabalha, por exemplo, é interpretada pela publicidade segundo valores específicos de uma ou outra clientela. Uma recente publicidade de água mineral na televisão francesa mostra uma mulher jovem tomando apressadamente o café da manhã, enquanto ao mesmo tempo termina de abotoar o casaco do filho e nessa correria pega uma garrafa de água, põe na sacola e sai. Na cena seguinte deixa o filho na porta da escola, corre e pega o ônibus. Chega ao escritório e sentada à sua mesa tira a garrafa de água da sacola e toma um copo em companhia de uma colega de trabalho. A diferença fundamental entre esse anúncio francês e os que brasileiros, que representam a mulher que trabalha, está na classe social. No Brasil, a trabalhadora é sempre uma executiva, elegantíssima, de classe dominante, insinuando ocupar cargos de dirigente. Sempre rodeada de homens — desodorante *Feel Free* —, ela pode além disso ter um amante que lhe faz uma surpresa - Chocolate *Toblerone* - numa escapada em baixo de chuva. A feminilidade destas mulheres adquire posturas e até mesmo um dinamismo com conotações masculinas.

Nessas publicidades a imagem da mulher que trabalha fora de casa é praticamente masculina, embora carregue todos os fetichismos da sexualidade feminina. A mulher do anúncio de água trabalha e ao mesmo tempo acumula as tarefas de mãe e dona de casa, enquanto que as outras se colocam num mundo predominantemente masculino. Não só através dos tempos, portanto, mas também em ambientes culturais diversos, a publicidade vem refletindo as mudanças sócio-econômicas e os diferentes valores e psiquismos sociais dos indivíduos.

Marina Heck é socióloga-urbanista, autora de *L'Etat des Lieux* e *The Ideological Dimension of Media Messages*.



Portfólio/Amêlini Manzoni

# PERFIL

## NO TRAÇOS DE HILDE, A VIDA POLÍTICA DO BRASIL

GETÚLIO, JUSCELINO, ADHEMAR, MÉDICI, GEISEL, TANCREDO, DELFIM, IVETE VARGAS, ULYSSES, JÂNIO E SARNEY. NENHUM DOS PRINCIPAIS NOMES DA POLÍTICA BRASILEIRA DOS ÚLTIMOS CINQUENTA ANOS ESCAPOU DOS TRAÇOS CRÍTICOS DE HILDE WEBER, A MAIS ATUANTE CHARGISTA MULHER DA IMPRENSA NACIONAL.

Hilde: "Como ironizar um homem tão bonito como o Suplicy?"

### ARLENE COLUCCI

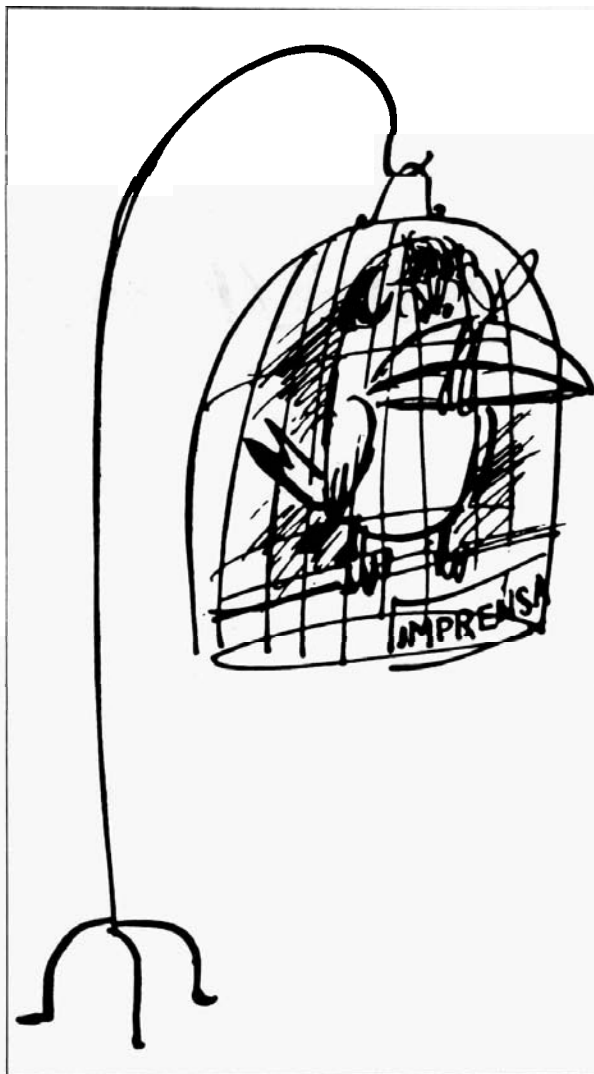
O Brasil político das últimas décadas tem passado pelas mãos ágeis de Hilde, uma alemã de 73 anos de idade que tem mais de meio século de traço e humor. As mesmas mãos que hoje documentam o escândalo dos supermarajás, as discussões sobre a duração do mandato de José Sarney e a crise pela qual passa o abalado PMDB já registraram o naufrágio político de Getúlio Vargas até seu suicídio em 1954, a Revolução de 64, a imposição do Ato Institucional nº 5 em 1978, a "Nova República" de Tancredo Neves e a hoje falida era do cruzado. Hilde tem até hoje 54 anos de ilustrações, caricaturas e charges. Deste período, trinta anos foram dedicados exclusivamente às páginas de política do jornal diário **O Estado de São Paulo**, onde ainda trabalha sem tréguas.

A história de Hilde Weber, que nasceu em 1913 na pequena cidade de Waldau, na Alemanha, parece seguir uma trama cinematográfica. Hoje uma tranquila vovó de quatro netos, que divide seu dia entre o trabalho no jornal e os cuidados com seu confortável e antigo apartamento em Higienópolis, em São Paulo, ela confessa que existiram muitas Hildes. "Tantas, que, às vezes, acredito que a única

semelhança entre elas é o desenho". Uma dessas Hildes, ainda bastante jovem, sonha em ser atriz. Mas o dom para a caricatura e a ilustração, manifesto desde cedo, foi mais forte e a levou a estudar na Escola de Artes Gráficas de Hamburgo, cidade onde passou toda a infância e a adolescência.

### Poucas Palavras

Filha única de pais divorciados, Hilde foi criada por um casal amigo da família e por Claire, a tia jornalista, crítica de literatura e artes plásticas, que a incentivou a seguir o caminho da imprensa. Assim, enquanto seus colegas de escola entusiasmavam-se com a confecção de cartazes publicitários, Hilde já trabalhava como ilustradora de artigos em revistas alemãs. "Eram coisas terríveis e extremamente límidas", lembra. Aos dezoito anos, surgiu a oportunidade de reencontrar o pai, Edmund Weber, oficial aviador da Primeira Grande Guerra, que não via desde os seis anos de idade. Ele vivia então em São Paulo e, logo depois, assumiria a gerência de uma fábrica de tecidos em Nova Friburgo, no estado do Rio. A jovem ilustradora trabalhava para a revista de uma grande companhia de navegação, que preferia pagar seus colaboradores com passagens em vez de dinheiro. Hilde conheceu



A cada governo autoritário, censura para a imprensa

12

Mulherão  
Julho 87



desta maneira alguns países da Costa do Mediterrâneo e, aproveitando para deixar a Alemanha que assistia à ascensão do Nazismo, veio para o Brasil.

Em 7 de julho de 1933, Hilde desembarcou no porto de Santos. Quinze dias depois, a alemãzinha magra, que usava boinas e mal balbuciava uma poucas palavras em português, aprendidas num curso rápido em Hamburgo, estava trabalhando nos **Diários Associados**, ilustrando reportagens feitas por um jovem jornalista de 19 anos, Rubem Braga — anos depois, célebre como um dos maiores cronistas do País, com quem mantém ainda uma sólida amizade. "Nós falávamos pouco naqueles tempos, quase nada. Meu português era horrível. Mas nos entendíamos bem", lembra.

#### Pernas Curtas

Hilde deixou logo os Diários Associados. Foi para o Rio, instalou-se na pensão Roma, no Flamengo, e começou a desenhar para **O Cruzeiro** e **A Noite Ilustrada**. Era meados dos anos 30 e seus desenhos de traços simples, mas ágeis, diferentes de tudo que se fazia na imprensa na época, encantaram os membros do Partido Constitucionalista, que lutavam contra a ditadura getulista. Hilde foi convidada a trabalhar na campanha do partido, fazendo caricaturas políticas que eram enviadas às redações de diversos jornais. "Eu não entendia nada de política, mas eles me explicavam o que queriam. Foi quando comecei a desenhar Getúlio Vargas e consegui juntar dinheiro suficiente para voltar à Alemanha".

O polêmico Carlos Lacerda, encantado pelos traços angulosos de Hilde, levou-a para a **Tribuna da Imprensa**, em 1950. No jornal carioca, ela fez centenas de charges e caricaturas, principalmente de Getúlio Vargas, que a notabilizaram e a levaram, em 1956, para o **Estado de São Paulo**, na época o jornal mais importante do país. Não se pode afirmar que as charges políticas de Hilde tenham marcado pela sua virulência. "Nunca fui do tipo venenosa e mordaz", afirma Hilde. Seus traços, apesar de agressivos, nervosos, ponteados, imprimem sempre um certo ar despojado, delicado e cheio de graça. Essas características mantêm-se praticamente constantes ao longo dos anos, como se vê no livro **Hilde — O Brasil em Charges** (Circo Editorial, 1986), uma síntese de sua carreira na imprensa, de 1950 a 1985. Os desenhos de Hilde sempre

fizeram uma leitura crítica dos fatos políticos e com isso conquistou a confiança e a simpatia dos leitores. Mas mesmo entre os donos do poder, ela tem fãs. O ex-ministro Delfim Neto, por exemplo, mantém em sua coleção particular de charges políticas uma série de originais de Hilde. Já houve, no entanto, reclamações dos trabalhos da chargista alemã. "Ivete Vargas vivia se queixando dos meus desenhos. Dizia que jamais havia usado brinços como os que eu fazia", diverte-se.

O desenho de Hilde de ar "apressado" não se materializa na ponta do lápis em poucos inspirados minutos. "Às vezes, demoro horas fazendo uma única charge", afirma. A dificuldade tem relação com o tema. Nem todos os políticos são matérias fáceis de serem moldadas. Hilde nunca teve problemas para reproduzir as pernas curtas e o corpo roliço do es-

tadista Getúlio Vargas, o nariz abatado de Tancredo, os olhos meio orientais de Kubitschek. Mas os senadores Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso e o ex-deputado Eduardo Matarazzo Suplicy sempre lhe deram trabalho. "Como ironizar um homem tão bonito como o Suplicy? Impossível!", diz Hilde, uma simpatizante das correntes políticas de centro-esquerda, que no passado experimentava dificuldades semelhantes com Oswaldo Aranha. "Ele era uma uva", recorda.

#### Anos de Análise

Apesar de se definir, curiosamente, como uma mulher "não-combativa", "pouco ambiciosa" e "fã incondicional da estabilidade" — basta ver que trabalha há trinta anos num único jornal — Hilde sempre foi uma mulher avançada para o seu tempo. As marcas das duas grandes guerras — a primeira alastou-a definitivamente de seus pais — a ensinaram a viver sozinha e ser independente desde muito cedo. Passou por três casamentos, sem jamais se acomodar na relação quando ela se apresentava um barco furado e sem rumo. Fez onze anos de análise, quando se debater e se encontrar pelos caminhos da análise era coisa de poucos. E, por muitos anos, viveu circulando por um território ocupado basicamente por homens: a política. "Eu sempre estive muito próxima e consciente de tudo. Minha profissão me permitiu ter o mundo às minhas costas, à minha frente".

O fato de ser uma chargista mulher, no entanto, nunca a atrapalhou. "Ao contrário, só ajudou. Muitas vezes, enquanto os jornalistas eram impedidos de circular nos penários da Câmara e do Senado, ainda na velha Capital, eu não era molestada: simplesmente me sentava ao lado dos políticos e os desenhava". A solidão também jamais a assustou. Hilde adora viver sozinha em seu apartamento no bairro paulistano de Higienópolis, onde cozinha "de forma sensata" — prepara saladas, carnes magras —, devora livros de ficção científica e à noite, quando volta do jornal, passa algumas horas diante da televisão atrás de um bom filme — "sou vidrada em cinema" —, sempre acompanhada de uma boa dose de uísque.

A única queixa de Hilde é quanto à discriminação existente no Brasil contra os profissionais mais velhos. "Enquanto nos Estados Unidos, um político de cinquenta anos é visto como um **young politician**, no Brasil ele é encarado como um homem público sem nada mais a contribuir. Um absurdo", indigna-se. Vaidosa e sensível ao problema do profissional com idade, já se submeteu a três cirurgias plásticas. "Não poderia viver no meio de bateladas de jovens que invadem as redações, de braços cruzados, como se nada houvesse", justifica-se. É claro que de nada adiantaria o combate contra rugas e flacidez se não houvesse a paixão pelo trabalho. "Se um dia perceber que estou desenhando automaticamente, por pura prática, paro".

Ante que isso possa vir a acontecer, a alemã que desembarcou no Brasil cheia de sonhos quer dar corpo a mais um de seus desejos: voltar a desenhar para crianças, ilustrando livros infantis, um trabalho que chegou a fazer nas décadas de trinta e quarenta. Hilde deixará, então, a política, para se envolver com a pura fantasia.



Jânio Quadros:  
uma vassoura que  
não conseguiu  
varrer a corrupção

O retorno foi breve. O nazismo já se alastrava, começava suas perseguições políticas e tia Claire aconselhou Hilde a voltar rapidamente para o Brasil. Aqui, Hilde casou-se com um filho de alemães — não viveria com ele mais de quatro anos — e passou a frequentar o Osirarte, atelier de Paulo Rossi Ozir, na Rua Vitória, em São Paulo, onde pintava azulejos ao lado de artistas como Alfredo Volpi e Mário Zanini. Nessa época, já na década de 40, Hilde participava também de "pic-nics artísticos" nos arredores de São Paulo, experimentando óleos e pincéis ao lado de Francisco Rebolo e Lasar Segall: "Foram os anos mais felizes da minha vida". Em 1946 nasceu Claudio Weber Abramo, fruto de seu segundo casamento, também fracassado, com o jovem jornalista Claudio Abramo, hoje editorialista da **Folha de São Paulo**.

# Filhas & Pais

## DE PAI PARA FILHA, UMA PREMISSE FALSA



Avanti Stein

### FÁTIMA JORDÃO

Em abril de 84, naquela fatídica votação no Congresso que derrotou a emenda Dante de Oliveira, José Sarney Filho votou pelas eleições diretas, ao contrário do pai — presidente do PDS. Após algum espanto e curiosidade, o gesto do deputado foi considerado afirmativo e independente. O próprio pai foi elogiado pela tolerância política com que administrava seus "domínios" domésticos.

Se, no entanto, no lugar de José fosse Roseana, a reação geral da imprensa e os comentários dos ambientes políticos seriam assim tão positivos? Dirão: claro! Sobretudo se ela fosse uma parlamentar com mandato próprio e detentora de legítima representação popular. Será? Os acontecimentos recentes com as filhas de Quadros e Brizola indicam como a imprensa e sociedade brasileiras toleram a supressão de direitos políticos e de espaço de vida pessoal de mulheres em nome da honra e interesses políticos paternos.

A premissa é clara: mulheres e filhas de políticos são tidas como extensão, continuidade da figura dominante. Especialmente devem se comportar como parceira não destacável do projeto político do titular. Delas se espera cooperação nas tarefas políticas numa linha auxiliar: segurar microfone em campanha é supimpa, secretariar os comitês eleitorais é rotina, aparecer em fotos e compor a imagem de casal feliz e família harmoniosa é regra. Conformar é lei.

Claro que o desempenho de parentes na área pública é sempre problemático e ambíguo. E o político brasileiro quase nunca dispensa colaboração consanguínea. Mas o que interessa aqui é olharmos um pouco para as diferenças de tratamento dispensadas para parentes do sexo feminino e masculino.

A Roseana, por exemplo, como secretária do pai-presidente, por méritos profissionais e por atuação anterior nas mesmas funções junto ao pai-deputado, era constantemente retratada na imprensa como intromissora indiscreta

*Ser filha de político é ter cidadania pela metade. Tutu foi internada por fazer críticas, Roseana tem palavra cassada fora da Capital Federal, e Neuzinha só pode fazer o que o pai acha bom para os netos e a moral da família.*



Fernando Fimence



e indesejável em reuniões e conversas políticas. Como se sempre estivesse em lugar onde não deveria estar. Uma notícia sobre sua possível separação do marido causou grande constrangimento e irritação ao pai. Finalmente foi neutralizada: Os movimentos de Roseana Sarney Murad, 34, filha do presidente José Sarney, são limitados em Brasília por uma proibição, imposta pelo pai: ela não pode dar entrevistas sobre assuntos políticos e deve evitar declarações a jornalistas sobre qualquer outro assunto".

Esta sequência de fatos com Roseana contrasta fortemente com a retratação na imprensa das atividades do secretário-neto Aécio Neves e com a legitimidade conferida ao seu espaço político-profissional junto ao presidente Tancredo Neves. De imediato se configurou, tanto para a mídia como para a família, o futuro político, brilhante e inevitável, do atual de-

putado. Coisa Natural e nada ameaçador ao parente titular. Ainda agora aparece na revista *Playboy* (nº de Junho) — a mesma que Brizola está processando — uma foto de Aécio Neves dançando de rosto colado com o texto-legenda: "Afinal, só Aécio dá a sua gata o máximo". Ninguém tem nada a ver com a variedade de "gatas" (ufa!) com que Aécio aparece nas colunas sociais. Mas, e se fosse Roseana, ou Neuzinha, ou Tutu?

Tutu, parlamentar constituinte que se manifestou pela legalização do aborto e contra a pena de morte, foi internada aqui e na Suíça. Denunciou, dias antes, pesadamente, a corrupção paterna. Apesar de mandato político próprio, foi confinada quando desrespeitou a regra básica e agravou a honra do titular. Os procedimentos de internamento da deputada foram estranhos e prevalece a suspeita de confinamento arbitrário. No entanto, os

laíras e que permaneceram intocados em seus postos públicos, a resposta aponta para o negativo. Mais grave é que a absurda expectativa de subordinação da mulher neste contexto político familiar transborda para a ação política mais geral. "Mulheres rebelam-se na Constituinte", foi este o título de recente matéria no *Jornal do Brasil* que descrevia a conduta de algumas parlamentares com posições contrárias aos seus partidos e lideranças, em algumas questões polêmicas. O jornal usou palavras como "rebelião" e "motim". Ainda que elogiosa, a matéria tinha como fundo a mesma premissa: para mulher o adequado é conformar. Mas que se conformem políticos e jornalistas: de "rebelião" em "rebelião", estamos marcando nossos espaços na política e na vida.

*Fátima Jordão é pesquisadora de opinião e conselheira do Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo.*

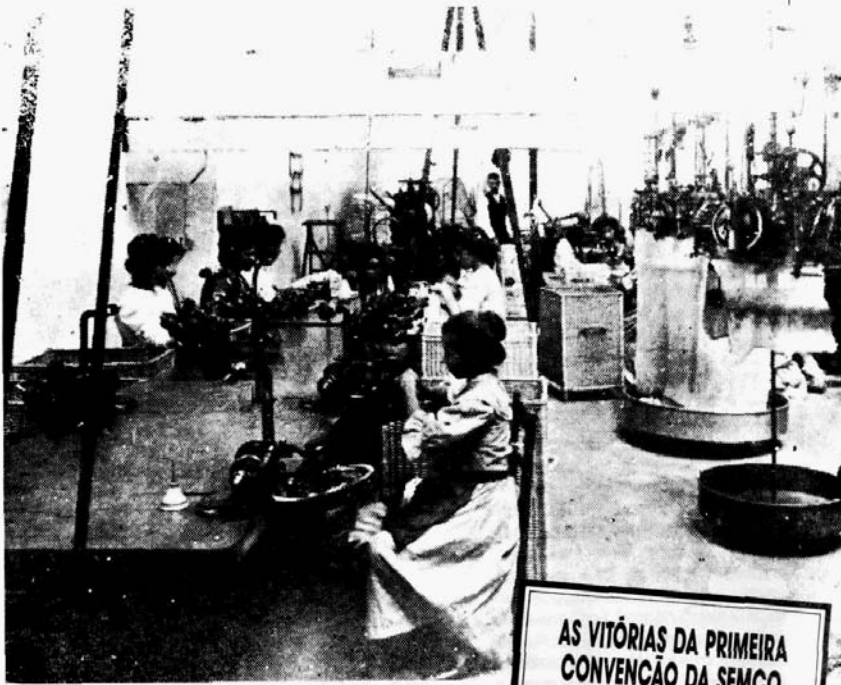


Arquivo Mulheres

*As filhas podem tudo, desde que não conflitem com os projetos políticos dos pais. Jânio quer manter a imagem de administrador austero, Sarney defende-se de qualquer ponto fraco e Brizola não quer nada que atrapalhe sua campanha presidencial.*

## EMPRESA ABRE ESPAÇO PARA AS MULHERES

NUMA INICIATIVA PIONEIRA, A METALÚRGICA SEMCO DE SÃO PAULO CRIOU UMA CONVENÇÃO INTERNA PARA DISCUTIR OS PROBLEMAS ESPECÍFICOS DE SUAS FUNCIONÁRIAS. E QUEM PENSA QUE PARAR A PRODUÇÃO LEVOU AO PREJUÍZO ESTÁ ENGANADO: A EXPERIÊNCIA AUMENTOU A PRODUTIVIDADE DA EMPRESA.



### LIA CARNEIRO

No dia previsto para uma greve dos funcionários, a Semco, empresa metalúrgica de médio porte de São Paulo, se adiantou. Parou tudo e convocou uma assembleia para mostrar seus tetos máximos reais para negociação salarial. Fora isso, desenvolveu um programa de integração organizacional para que as informações fluíssem de baixo para cima e vice-versa, envolvendo todos os funcionários da empresa, e propôs a organização de comissões de fábrica e grupos de discussão de diferentes setores, que se reúnem a cada quinze dias durante o expediente, sem desconto em folha.

Isto não é sonho de um regime capitalista menos selvagem. Na verdade, estão acontecendo na Semco mudanças que visam instituir a participação dos funcionários na empresa. Uma das maiores ousadias do projeto partiu do próprio presidente, Ricardo Semler, que sugeriu a Laura de Barros Leme, gerente de desenvolvimento de recursos humanos e serviço social, a realização da Primeira Convenção da Funcionárias. "A idéia era aprofundar as discussões que já vinham se desenvolvendo no grupo feminino da empresa", diz Laura, "com o objetivo de detectar causas de atrito no ambiente de trabalho".

Desde o começo do ano passado, a Semco do bairro do Ipiranga fervilhava com inúmeros grupos formados por funcionárias. Eles conversavam desde assuntos como condições de trabalho até o fluxo de informações dentro da empresa. Naturalmente, as mulheres que participavam desses grupos mistos começaram a colocar alguns de seus problemas específicos na pauta da discussão. Inclusive de relacionamento com outras funcionárias, que refletiam negativamente na capacidade produtiva da empresa. Daí o surgimento do grupo feminino. Em novembro de 1986, a Primei-

ra Convenção da Mulher concretizou a idéia de que as mulheres tinham muito o que falar e que estavam no caminho certo.

A Primeira Convenção da Mulher teve um sucesso explosivo. Reuniu as funcionárias de todas as reuniões da Semco (Ipiranga, Santo Amaro e Diadema), sessenta ao todo. Foram discutidos os problemas que as mulheres enfrentam no dia-a-dia, seguindo um roteiro pré-determinado nas discussões em grupo: mulher e trabalho; papel social da mulher; a mulher na relação conjugal e a mulher como transmissor de fatores culturais.

### Balanco Positivo

O que mais surpreendeu nessa experiência, inédita no País, foi a abordagem crítica dada a cada um dos temas. As mulheres discutiram o preconceito no trabalho, em outras palavras, o uso do corpo e não da competência, frisando a passiva atitude feminina dian-

te do assunto. Ninguém ficou redundando em lamentações que se restringem a acusar a sociedade machista e se conformar com a impossibilidade de modificá-la. Laura Leme destaca: "Foi colocado que a mulher não vai à frente. Ela é violentada, até pelo marido, e se cala. Ela transmite para os filhos e filhas a mesma postura machista que aprendeu com a mãe. Ela age como os homens, discriminando as companheiras que ocupam cargos mais altos. Fechando os exemplos, ficou evidenciado que até a formação de um grupo feminino fomentava o preconceito, e que um dos objetivos futuros seriam reuniões mistas, que não se intimidariam em discutir assuntos 'de mulher' na frente dos homens".

O resultado da 1ª Convenção já se reflete por todas as unidades da empresa. Na do Ipiranga, centro do projeto-piloto, sente-se uma evolução crescente na participação nos grupos. A principal dificuldade está na unidade de Santo Amaro, que agrupa cerca de trinta

### AS VITÓRIAS DA PRIMEIRA CONVENÇÃO DA SEMCO

- 1 Creches para crianças de 0 a 6 anos.
- 2 Promoções internas. Preencher as possíveis horas vagas com os próprios funcionários, dando prioridade às mulheres.
- 3 Criação de um horário móvel devido às dificuldades femininas para realizar horas extras (conciliação dupla jornada: trabalho/serviço doméstico).
- 4 Transporte: subvenção de 50% e prioridade para maior segurança das mulheres (pegar na porta da fábrica e deixar o mais próximo de casa). As comissões de fábrica já haviam solicitado a subvenção dos transportes.

mulheres, mas consegue que apenas vinte participem. Laura Leme acredita que o fato de o grupo ser muito grande dificultou a coesão. Além disso, nessa unidade, o grupo feminino foi implantado junto com os demais. "Não aconteceu isso no Ipiranga, onde o grupo feminino nasceu da necessidade de uma maior participação, e até mesmo de um exercício. Aqui em Santo Amaro, estamos aprendendo a participar em vários grupos, tudo de uma vez. E para quem ficou mais de vinte anos sem praticar esta atividade de se expor, de colocar suas idéias, não é tão rápida assim a assimilação do processo democrático".

Laura Leme observa que essa falta de "hábito" das pessoas em discutir e participar chegou a gerar pânico no início dos trabalhos. "Isso foi da diretoria até a fábrica. Ninguém entendia o que estava acontecendo e muitos ficaram assustados, pensando que era alguma jogada da empresa para fazer uma grande 'limpeza'. Mas aos poucos, todos se acostumaram com a democracia da 'coisa'. A gente sabe que a caminhada é longa, mas gratificante. Quando se lida com comportamento das pessoas, cada passo à frente pode significar até três passos atrás".

## CARTILHA DA TRABALHADORA

Quem quiser saber mais sobre as condições de trabalho das mulheres pode recorrer à cartilha **Direitos da Mulher Trabalhadora** de Therezinha C. Santos Prado. A cartilha, com o próprio nome sugere as condições de trabalho das mulheres, começando pela carteira de trabalho no passando pelo contrato e direitos em caso de dispensa após os noventa dias de experiência. O livro também especifica a jornada de trabalho das profissões femininas mais comuns, como



Capa da Cartilha

telefonista, bancária e ascensorista; explica o regime das

horas extras e o trabalho noturno para a mulher.

Não falta o capítulo dos direitos, que inclui repouso semanal remunerado, trinta dias de férias anuais, licenças previstas em lei, 13º salário, Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, Seguro Desemprego, estabilidade no trabalho em caso de gravidez e estabilidade provisória após parto que varia de sindicato para sindicato, descanso especial para amamentação duas vezes por dia até a criança completar seis meses e berçário, quando a empresa possuir mais de trinta trabalhadoras acima dos dezesseis anos.

# TRIBUNAIS MILITARES

PAULA MAGESTE

**D**ecisivo. Este talvez seja o adjetivo mais apropriado para se qualificar o ano de 1987. Não apenas por uma série de razões de ordem político-econômica, mas, principalmente, pelo desenvolvimento dos trabalhos da Constituinte. Dentre os assuntos em pauta está um de extrema importância e delicadeza: a Justiça Militar.

Depois de 181 anos de existência, os tribunais militares enfrentam sua "hora da verdade", marcados por grandes polémicas e atacados por opositores renomados. O embrião da discórdia parece ter sido a ampliação da competência da Justiça Militar, que deixou de julgar apenas os "crimes de caserna" — infrações do regulamento interno, como a insubordinação, a insubmissão etc. — para julgar também os crimes de militares cometidos contra civis e os próprios civis enquadrados na Lei de Segurança Nacional. Este último encargo delegado aos militares foi, especialmente durante os governos Médici e Figueiredo, alvo de inúmeras controvérsias, uma vez que o conceito de segurança nacional não era claramente definido e se subdividia em dois casos permeados pela "guerra ideológica": a segurança externa, relacionada com a defesa da Pátria, e a interna.

O jurista Hélio Bicudo, anteriormente envolvido em polémicas com o Supremo Tribunal Militar, diz que "num país democrático não há razões para a existência da Justiça Militar. No caso do Brasil, a competência ampliada que ela tem torna-se o fator de opressão, não de distribuição de justiça". Luis Eduardo Greenhalgh, há quatorze anos advogando a favor das vítimas da PM nos tribunais militares, faz suas críticas: "É uma justiça de privilégio para os militares, uma justiça especial, que funciona com espírito de corpo e tem como função principal perdoar os militares que praticam crimes. Sinto que é muito rígida quando se trata de infrações disciplinares, mas nos delitos contra civis é branda".

## chega de arbítrio?

MARCADA POR SUA AÇÃO CONDESCENDENTE DIANTE DOS ARBÍTRIOS DA DITADURA E DA VIOLÊNCIA DA PM, A JUSTIÇA MILITAR VIVE MOMENTOS DECISIVOS NA CONSTITUINTE. JURISTAS PROPÕEM DUAS ALTERNATIVAS: LIMITAR SUA COMPETÊNCIA OU DECRETAR SUA DEFINITIVA EXTINÇÃO.

### Direitos Humanos

Passados os tempos de julgamentos de civis na Justiça Militar por força da Lei de Segurança Nacional, o que mais preocupa é a atuação das auditorias militares nos crimes contra civis. Há vinte anos a violência policial tornou-se tão freqüente, banal até, que a Arquiocese de São Paulo achou necessária a criação de um organismo que desse assistência às famílias das vítimas. Em 1979 surgiu o Centro Santo Dias de Direitos Humanos - nome escolhido em homenagem ao operário Santo Dias, morto na greve dos metalúrgicos do mesmo ano por um soldado da PM -, coordenado por Hélio Bicudo.

A medida foi, sem dúvida, acertada. Desde sua fundação, o Centro atendeu uma média de quatrocentos casos, trezentos relativos à violência policial. Só no ano passado, quarenta e dois casos desse tipo foram registrados. Outro dado que constata o aumento dessa violência é o número crescente de centros de defesa nas diversas regiões. O Santo Dias foi o segundo em São Paulo e, de 1980 até hoje, sabe-se da existência de aproximadamente 25 entidades do gênero.

Além de defender pessoas de baixa renda, vítimas da violência policial ou conflitos por

posse de terras e moradia, o Centro promove reuniões com o propósito de buscar solidariedade entre as famílias, que "sofreram a violência por tabela pela perda de um parente", explica Benedito Mariano, do Santo Dias. E conta: "A gente discute com essas famílias as causas da violência policial e porque ela é tão grande em São Paulo. A gente fala do aparato repressivo do Estado e tenta conscientizar as pessoas".

Um dado interessante é que são as mulheres que geralmente procuram o auxílio dos centros de direitos humanos: mães, esposas ou irmãs das vítimas da PM. O exemplo maior entre essas mulheres é Marli Pereira Soares que, em sua busca por justiça, chegou a passar em revista tropas inteiras da Polícia Militar - apesar das ameaças - à procura do policial que assassinou seu irmão Paulo Pereira Soares, de 18 anos, a sangue frio na porta de sua casa e com o respaldo de uma pequena tropa. O mais duro para Marli foi ouvir recentemente a sentença do PM Jairo Pedro dos Santos: absolvido.

### Violência Policial

Neste ponto a discussão ultrapassa os limites da Justiça Militar e entra nas causas da

violência policial. Chegamos então ao treinamento e à filosofia de comando a que estão submetidos os policiais militares. Criminalidade se combate com policiamento, com a presença do policial numa determinada área, para que se torne conhecido da população. Um policial não precisa estar treinado em guerrilha urbana ou rural, não precisa saber disparar uma metralhadora ou bazuca. Precisa estar entrosado na vida da comunidade", ressalta Hélio Bicudo. Em contrapartida, o doutor Octávio Leitão da Siveira, presidente do Tribunal Militar do Estado de São Paulo, afirma que "a violência policial é um aspecto mais social que jurídico. Ela é fruto da criminalidade e do recrudescimento da violência da própria criminalidade. O indivíduo que está sendo detido é quem impõe as regras do jogo".

O jovem Adalto, que na época de sua morte tinha apenas 17 anos, é exemplo da relatividade desse argumento. Depois de abordado por uma viatura da PM, às margens da represa próxima à casa de Adalto, ele e dois colegas começaram a fugir. O motivo da abordagem é obscuro. Adalto, bom nadador, pulou na represa e foi até a outra margem, onde era esperado pelos PMs. O rapaz ainda teve tempo de pular duas cercas antes de ser espancado até a morte. No laudo médico ficaram constatadas as lesões corporais, mas a causa *morit* apresentada no tribunal foi afogamento. Maria Beatriz Sinisgallis, uma das advogadas do centro Santo Dias, que atuou no julgamento, retrucou: "Não se morre pela água, mas sim na água. Simplesmente não é possível morrer afogado fora d'água". Contudo os quatro policiais foram absolvidos, após um processo que levou quase cinco anos.

No entanto, muitos obstáculos se interpõem no caminho da resolução das discordâncias que cercam a Justiça Militar. A palavra é de Greenhalgh: "Acho que, de todos os lobbies que funcionam na Constituinte, o dos militares é o maior. E duvido muito que os deputados, com seu perfil conservador, nos colaborem em seus devidos lugares".

16

Mulherio  
junho 87

Vidal da Trindade/Ag. JB

Marli Pereira Soares passa em revista tropas da PM







## A PM VESTE SAIA, E MUDA DE IMAGEM

QUEM DIRIA, AS MULHERES ESTÃO MUDANDO A IMAGEM AUTORITÁRIA E TRUCULENTA DA PM. NO TRÂNSITO DE SÃO PAULO, ELAS SÃO AFRONTADAS, CANTADAS E CHAMADAS DE FRÁGEIS, MAS ESTÃO MOSTRANDO COMO PODE SER UM NOVO RELACIONAMENTO ENTRE POLÍCIA E COMUNIDADE.

### ALBERTO MAWAKDIVE

Se a mulher já é discriminada mesmo quando atua em profissões convencionais, como a de bancária, secretária ou professora, imaginem quando decide seguir uma carreira identificada com a autoridade: a de guarda de trânsito. A carga de preconceitos é, evidentemente, muito maior. "Mais de uma vez já fui mandada para a cozinha", conta a policial Albene Pereira Silva, uma das 130 policiais que, em abril do ano passado, trocaram o trabalho basicamente assistencial da Polícia Feminina pelas agruras do policiamento de trânsito. E Albene — que orienta uma das esquinas mais difíceis da cidade de São Paulo, entre as Avenidas Brasil e Rebouças — pode até se dar por satisfeita. As policiais colecionam não apenas piadinhas de mau gosto, mas a preocupante média de dois casos de insultos, desacatos e até agressões por semana.

Desnecessário dizer que seus similares masculinos, os "bem-te-vis", como são conhecidos os policiais homens, são bem mais respeitados. Afinal, a ninguém ocorrerá mexer ou comprar discussão gratuita com um carrancudo PM. Pesa sobre as "moças" mais do que o velho preconceito de que mulher não entende nada de trânsito. Como reconhece Albene, ainda são poucos os motoristas que conseguem permanecer impassíveis ao serem advertidos ou multados por uma mulher. "A maioria não se conforma", diz. A fama do trânsito paulistano, de ser uma arena está outra vez confirmada.

Pior para os machistas. A tendência é de que, a médio prazo, todo o trabalho de orientação de trânsito em São Paulo seja feito por mulheres. A experiência iniciada em abril do ano passado está agradando tanto o coronel Carlos de Cavalho, chefe do Comando de Policiamento de Trânsito da Capital (Cepetran), que ele deve deixar para os bem-te-vis somente o trabalho de rondas com motocicleta, guinchamento de veículos e bloqueios de vias públicas. "Claro que há problemas, mas as moças mostraram não só serem eficientes como modificaram para melhor o relacionamento entre motoristas e policiais", ele justifica.

### Nova imagem para a PM

O coronel acredita que, bem feitas as contas, o preconceito não está impedindo as policiais de imporem um avanço qualitativo no trabalho de policiamento. Elas estariam se constituindo em um tipo de guarda de trânsito inteiramente novo, "mesclando a experiência que adquiriram nos quadros da Polícia Feminina com o trabalho tradicional do guarda", explica. "Como estavam acostumadas a prestar auxílio e informações, têm conferido ao trabalho um caráter mais educativo e de atendimento do que repressivo". Exatamente como o Cepetran queria. O coronel afirma que a prioridade da corporação, hoje, não é só punir, mas também educar os motoristas. A seu ver, estes são geralmente mal informados sobre as regras de trânsito e avessos à colaboração. "Penso que esta é a maior causa dos cerca de cem mil acidentes de trânsito que ocorrem

todos os anos na Capital de São Paulo", opina.

Para executar tal prioridade, o coronel acha necessário, ao mesmo tempo, retirar do guarda de trânsito a imagem que o mostra invariavelmente como um esforçado funcionário da "indústria da multa". "Essa imagem é falsa", sublinha o chefe do Cepetran. "Se fôssemos multar de verdade, as quase 150 mil multas que lavramos semanalmente seriam apenas 10% do total". Porém, a tarefa da mudança de imagem não poderia ficar nas mãos dos policiais homens. De maneira algo conservadora, o coronel Carvalho entende que o trabalho educativo é mais da índole feminina: "as mulheres são normalmente mais afáveis e, numa função de autoridade, acabam por ser associadas à mãe, à professora", acredita. "Embora isto não signifique que não sejam enérgicas, são até mais do que os homens". Para o coronel, ser advertido no trânsito por uma mulher é, ainda, mais inibidor.

Mas o Cepetran está longe de não levar a sério o machismo e o preconceito dos motoristas. A orientação que as guardas recebem é de, em qualquer caso, jamais partirem para a réplica, esgotando até o último fio da paciência. "Damos enorme atenção ao trabalho de relações públicas", confirma a chefe do Comando Feminino, capitã Vera Maria Fávoro. "Sem tato e psicologia nosso trabalho seria impossível". A verdade é que, mesmo assim, há ocasiões em que o tato e a psicologia nada resolvem. Os exemplos recolhidos pela corporação são muitos, e lembrados até com certo senso de humor pelas policiais.

"Uma vez o motorista que eu ia multar na

Avenida São Luiz, por estacionamento irregular, irritou-se a tal ponto por se ver advertido por uma mulher que quase me agrediu", lembra a policial Selma Lopes dos Santos, que trabalha no centro da cidade. "Ele arrancou meu talão de multas, entrou no carro xingando e sumiu". Selma conta que o episódio acabou na delegacia, o que aconteceu raramente neste primeiro ano de trabalho das policiais. "Quando elas ficam em má situação, os transeuntes vêm geralmente ajudá-las", explica o coronel Carvalho. "Ao contrário do que acontece com os policiais masculinos, os populares costumam apoiar as policiais. No caso de alguma pendência".

### Na Delegacia, Ponto Final

As relações públicas são invocadas até quando as policiais são vítimas das inevitáveis cantadas. Embora elas não aconteçam em grande quantidade, como garante a sargento Léia Rodrigues Maia. "Sou mais cantada quando estou à paisana do que quando estou em serviço", diz. De qualquer forma, Léia conta que há motoristas que chegam a cometer irregularidades para chamar a atenção das policiais.

A escolha da saia-calça como uniforme de trabalho teve tanto a ver com este aspecto quanto com seu inegável grau de conforto. "As calças acentuam as curvas naturais da mulher e, se usassem saias, as moças se veriam em situação embaraçosa quando precisassem correr", argumenta a capitã Vera Maria Fávoro. A solução foi o meio termo.

Porém, não se pense que todos os motoristas vêem de maneira preconceituosa o trabalho das policiais. O motorista de ônibus Elmiro Pereira entende que a mulher pode desempenhar qualquer função, desde que se disponha a isto. "Já vi muitos bem-te-vis que não entendiam nada de trânsito", ressalta, convicto. O motorista de táxi José Martins, de seu lado, só falta colocá-las num pedestal. "Elas são muito mais educadas, respeitadas, e atendem muito melhor os pedestres e motoristas", avalia. "E não perseguem taxistas".



Na rua a PM Feminina em ação.

# TOME PÂNICO

A CAMPANHA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO CONTRA A AIDS ESTÁ TÃO ALARMISTA QUE VAI ACABAR CONFINANDO O SEXO NOVAMENTE AOS PORÕES, POIS ESTÁ LEVANDO O PÂNICO DA POPULAÇÃO A ANDAR MAIS RÁPIDO DO QUE A PROGRESSÃO DA DOENÇA.

JOYCE CAVALCANTE

No verão de 1984/85 não se tinha outro assunto a não ser uma doença nova, apresentada assim como o último lançamento da moda, a Aids. No verão seguinte parecia que a grande imprensa tomava fôlego para sua grande campanha de divulgação sobre o assunto. Deu um descanso de mais ou menos um ano, talvez para lestar o reflexo de seu poder de persuasão. Em 86 o reflexo foi o seguinte: os adultos com vida sexualmente ativa trataram de pôr o rabinho entre as pernas e podar suas expressões de sensualidade/sexualidade, enviando, desse modo, o amor e suas tentativas ao lugar habitual, ou seja, aos porões. Era como se o mundo tivesse passado de technicolor para preto e branco.

A Aids, com raras exceções, e a gravidez, são um atestado de que a pessoa praticou o "pecado". Ambas são consequências inevitáveis do ato sexual. Até parece que, diante do desgaste das chamas do inferno, resolveram criar uma nova ameaça. A doença foi um achado para os que conservam a estreita moral de seus ancestrais, sem dar a mínima chance para a evolução. Não é mais uma coisa abstrata e fantasiosa como o inferno e a danação. A Aids é um fato concreto que pode ter sua existência provada. Todos nós já podemos nos lamentar por causa de um conhecido próximo ou distante que perdeu da doença. É comum ninguém querer morrer, nem que seus amigos morram, é humano, é elementar.

Contra os fatos não existem argumentos. Portanto, não existe mais nenhuma defesa possível para o amor e o sexo, ou do sexo com amor, ou a prática do entendimento entre os pares. Essas coisas têm de ficar na memória, como ficou o gosto do primeiro beijo da adolescência perdida, como a lembrança do primeiro frio na barriga provocado por um certo olhar. O amor está encurralado e manietado. E agora, poetas e pensadores, portadores da bandeira da liberação sexual que tem atrelada a liberação das mulheres?

## E agora?

Sou exagerada e penso que de agora em diante as crianças serão prometidas ao parceiro vitalício, desde a mais tenra idade, para que um possa vigiar o outro de perto e se informar sobre suas práticas sexuais desde o princípio. Assim a pureza estará garantida, assegurando a não contaminação. A castidade voltará a entrar na moda. Serão fundados conventos para os mais radicais, como se fez na Idade Média. O ato sexual solitário, e porque não dizer claramente, a punheta, a popular punheta, seria o grupo mais distante de risco. Na ordem viriam: as relações homossexuais femininas fechadas (sem ninguém pular a cerca por nenhum motivo) e o casamento hetero, no qual os parceiros entrariam virgens e sem direito a conhecer sexualmente nenhu-

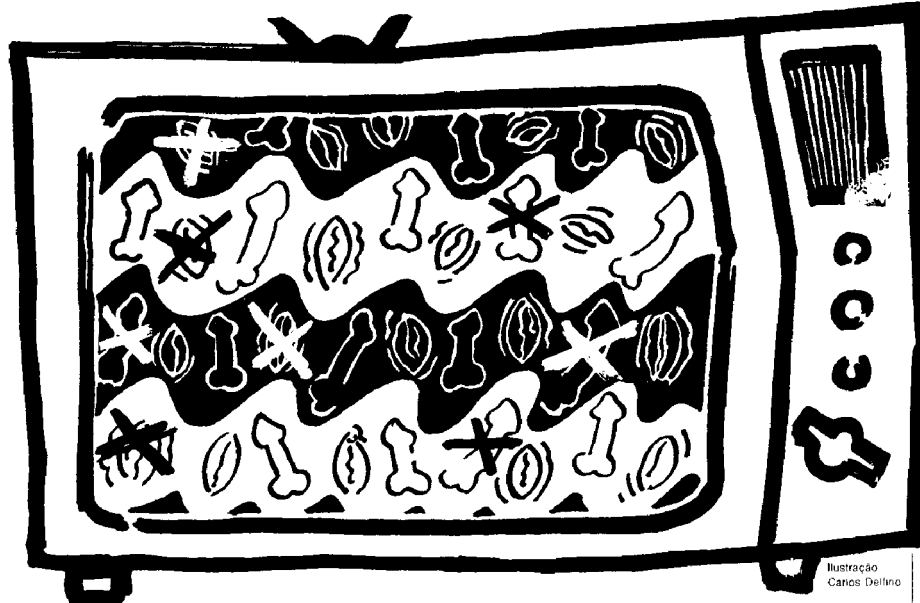


Ilustração  
Canoes Dellino

ma outra pessoa, sem direito a ser hemofílico e também sem direito a tomar "coca-cola" na veia, mesmo em caso de extrema sede. Porém, ainda nestes casos, a isenção da contaminação pela Aids ainda não é 100% segura,

porque há o grande perigo dos indivíduos terem nascido com o vírus herdado dos pais.

O medo pode estender a contaminação da cama para os copos de bares, beijo, aperto de mão. Sentar na cadeira que alguém conta-

minado sentou antes, nem cogitar. O jeito é estar sempre calçado porque a planta do pé também pode ser a porta de entrada do seu corpo para o mal do século. E tome paranoia. O grande azar será uma pessoa tomar todos esses cuidados e ser atropelada ao atravessar uma rua, ou ter um acidente de avião. Ai como é que vai ficar? Conheço um cara que morreu de tanto ir à sauna. Sabem como? O teto da sauna desabou justamente na cabeça dele.

Há uns três anos essa doença não tinha sido inventada, a preocupação era o câncer. Tinha gente que nem pronunciava a palavra, lançando mão de eufemismo para se referir a ela. Hoje ninguém fala mais em câncer. Dona Carmem Prudente, presidente do Hospital do Câncer em São Paulo, já pode aposentar seus bons e humanitários serviços, devido à extinção da doença pela erradicação da qual tanto lutou. Outra alma dedicada agora deve tomar a frente e tentar obstinadamente erradicar a nova moda. Sei que com doença não se brinca e eu estou fazendo exatamente isso, aqui. Mas não sou só eu. Os jornais da grande imprensa também estão brincando com o sentimento da população, transmitindo o pânico. Nos lembram da nossa misera condição. Somam com a inflação, incompetência das autoridades, corrupção, falta de mercadorias, pequenês dos salários, violência urbana etc. a angústia da Aids. Problem a prática do ato mais genuíno e antigo que move o sentimento humano, e esperam que se cumpra. Caso contrário, os desobedientes morrerão no maior desamparo moral e material. E é só.

Joyce Cavalcanti é jornalista e escritora.

## ABAIXO-ASSINADO CONTRA AIDÉTICOS

A intolerância com os aidéticos não é um fato difícil de ser mensurado. No final do ano passado, os vizinhos do Hospital Emílio Ribas II em São Paulo — o único do país voltado exclusivamente para o tratamento da Aids — encaminharam ao então secretário de Saúde do Estado, José Yunes, um abaixo-assinado com uma série de ponderações que demonstram mais intransigências do que defesa de direitos comunitários.

O primeiro ponto do documento questiona a instalação de um hospital de isolamento numa área densamente povoada de São Paulo. "A afirmação é incorreta", diz Neide Abud, diretora do Emílio Ribas II, "pois um hospital de isolamento quer proteger os pacientes com delicada resistência orgânica do mundo contaminado e não vice-versa. Por outro lado, com o

aumento do número de pacientes não dispunhamos em tempo recorde de outro prédio nas condições deste para locar".

O abaixo-assinado também se refere à transmissão da Aids através de pernilongos que infestam a região, fazendo a ponte entre aidéticos e moradores. "Isso é desinformação", observa Neide, "os moradores desconhecem que o vírus da Aids morre frações de segundos depois que entra em contato com o ar. Se isso não bastasse, o pernilongo não tem mecanismos biológicos para disseminar o vírus, como o *Aedes aegypti* tem para transmitir a dengue."

A intolerância vê a Aids como um problema dos outros. No abaixo-assinado, os vizinhos do Emílio Ribas II também reclamam das "manifestações ruidosas dos condenados à morte". A explicação é

de Aglaé Chammas, relações públicas do hospital: "Algumas pessoas chamam o Emílio Ribas II de 'Porta do Céu', esquecendo-se que o aidético não vem ao hospital para morrer, mas para ser medicado durante vinte dias, até reunir condições clínicas para continuar o tratamento através do Instituto de Saúde".

Como vizinho enfeitado, o Emílio Ribas II também justifica a quebra do silêncio, reclamada pelos moradores. "Ela foi motivada", diz Aglaé, "por três casos psiquiátricos que recebemos: um doente mental e dois em estado de regressão, bastante raros". Se esse é um problema do hospital, outra reclamação de barulho por parte dos vizinhos extrapola sua competência: trata-se do caminho da prefeitura que passa à meia-noite para recolher o lixo hospitalar. (S.S.)

# A CRUEL GUERRA DO APARTHEID

DEPOIS DO COLONIALISMO PORTUGUÊS, GUERRA DA INDEPENDÊNCIA, CONFLITOS NA ÁFRICA AUSTRAL, MOÇAMBIQUE VIVE HOJE SUA MAIS DIFÍCIL LUTA CONTRA OS GUERRILHEIROS DA RENAMO, PATROCINADOS PELOS SUL-AFRICANOS, QUE JÁ DEIXOU UM TRISTE SALDO: MAIOR ÍNDICE DE MORTALIDADE INFANTIL DO MUNDO E CONDENAÇÃO À MORTE, POR INANIÇÃO, DE UM TERÇO DOS MOÇAMBICANOS.

## SELMA ALVES PANTOJA

**A**tática da Resistência Nacional Moçambicana, Renamo, apoiada pela África do Sul, contra o povo de Moçambique é cruel. Eles chegam nas pequenas aldeias e destroem plantações, matam, esturpam e saqueiam. A opção que resta para as populações aterrorizadas é vagar até os campos de refugiados, onde estão morrendo de fome um terço da população do País, sendo que as crianças estão sacrificadas ao mais alto índice de mortalidade do mundo. Tudo isso para derrubar o regime marxista de Moçambique, que vigora há doze anos.

Mas este é um episódio dramático que se seguiu a uma longa história. Em 1974, a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) assinou com Portugal o acordo de Lusaka, que colocava um fim à guerrilha iniciada em 64, e tornava a Frente a verdadeira representante dos moçambicanos. Dez anos depois, em 84, a Frelimo, liderada por Samora Machel, morto num desastre de avião no ano passado, assinou um acordo de não-agressão e cooperação econômica com seu maior inimigo, a África do Sul, que nunca deixou de cobiçar a localização estratégica de Moçambique que poderia colocar em cheque o *apartheid* de Pretória.

Para entender Moçambique, a herança colonial é a chave. Mesmo sem pintar o colonialismo português como o vilão da história, é necessário pincelar certos conceitos. Apesar de todas as sutilezas do governo português ao tentar provar ao mundo a inexistência do racismo, ele existia num conjunto de leis. No "regime de indigenato" que mantinha o controle social e econômico sobre a população majoritária e os conceitos estabelecidos por lei, como "assimilado" (africano com estatuto de cidadão) e de "indígena". Já o "alvará de assimilação" conferia a alguns moçambicanos um grau superior em relação ao estatuto de "indígena", mas para ascender nesta hierarquia passava-se por pequenas provas para saber se o africano poderia ser considerado "civilizado": ia desde o conhecimento perfeito da língua portuguesa até o fato de manejar desembaraçadamente garfo e faca durante as refeições. As heranças de tudo isto no cotidiano: alimento de negro e alimento de branco, frutas, bairros, roupas, línguas de negros e de brancos.

A Frelimo herdou uma engrenagem montada pelos portugueses que direcionava a economia do país para a prestação dos serviços

aos países vizinhos. Além da indústria rudimentar, recebeu como legado uma estrada de ferro que tinha como função descobrir as necessidades de escoamento dos países vizinhos: Zimbábue, Malawi e África do Sul. É significativo o fato de que para se deslocar de trem entre as duas principais cidades moçambicanas, Beira e Maputo, seja necessário passar por um outro país, o Zimbábue.

### Uma herança

A Frelimo herdou mais: um movimento migratório de trabalhadores que sai de Moçambique e vai trabalhar nas minas de ouro e carvão da África do Sul. São levas de moçambicanos com os salários garantidos. Não interessa ao governo de Moçambique subitamente desempregar estes trabalhadores, pois não teria onde aloca-los. Para a vizinha África do Sul é mais um mecanismo de pressão. Numa análise mais profunda diríamos que este movimento migratório propiciou a penetração capitalista na região, tendo importância singular na experiência histórica de Moçambique.

Quando, em 75, os portugueses se retiraram de Moçambique, o país parou. O Estado contava com míngados quadros técnicos, praticamente inexistentes entre a população negra. Em 77, contava com apenas um engenheiro negro no país, sendo que a universidade estava vazia, já que as escolas não eram frequentadas pelos africanos, a não ser por alguns poucos assimilados.

Desmontar esta estrutura colonial e reconverter a economia do país em função dos interesses moçambicanos representou empreender reestruturações profundas, ao mesmo tempo que questões imediatas pressionavam lideranças. Samora, já em 77, dizia que a prioridade era combater a fome, sendo que 97% dos analfabetos da população, muitos sequer falam a língua portuguesa e as ações de sabotagem da Renamo, incontáveis.

### Em busca de uma saída

A partir da independência, tanto Moçambique como Angola tiveram de enfrentar o perturbado contexto de guerra na África Austral, em especial as mantidas direta ou indiretamente contra a África do Sul. A Frelimo, a partir de 77, estabeleceu as suas metas econômicas com a implantação da coletivização do campo (as machambas estatais e as aldeias comunais, visando a última reagrupar a população extremamente dispersa na área rural),



Os moçambicanos estão condenados a morte por formar uma linha contra o apartheid

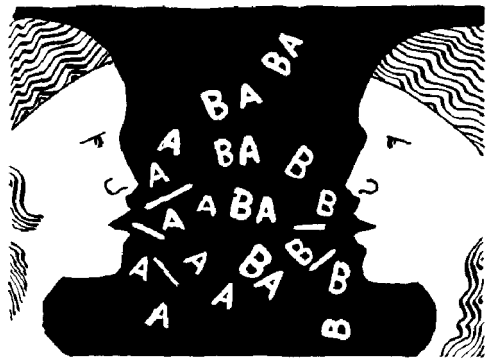
e a estatização do sistema de produção e distribuição de alimentos, até então nas mãos dos pequenos proprietários ou comerciantes, geralmente indianos (com a fuga dos portugueses e indianos o Estado teve de assumir o papel de intermediário na venda de produtos).

No campo, as machambas estatais e as aldeias comunais sem assistência técnica adequada e os devidos recursos redundaram em esforços perdidos. Nos centros urbanos o Estado não deu conta do sistema de produção e distribuição. A década de oitenta foi em Moçambique um período de seca no campo, afetando drasticamente a produção de alimentos. Ao final de uma década de governo, a Frelimo é levada ao acordo de Nkomate, onde estabelece com seu mais frontal inimigo, o governo da África do Sul, acordo de cooperação econômica e um consenso de não-agressão. Após o acordo, a RENAMO desaparece de cena sobrevivendo sob a forma de bandos armados que continuam atacando a partir da fronteira da África do Sul e do Malawi.

O território moçambicano foi alvo predileto dos ataques rodesianos e sul-africanos devido ao apoio da Frelimo à guerra de indepen-

dência de Zimbábue. Junto com Angola, Zâmbia, Tanzânia e Zimbábue, Moçambique forma o conjunto dos chamados países da "Linha de Frente" em oposição ao sistema do *apartheid*.

Ao se analisar a competência dos modelos socialistas africanos, com partidos constituídos segundo a forma dos partidos comunistas do Leste Europeu, coloca-se questões e contradições. São ressaltados, por exemplo, as questões dos sindicatos. No caso de Moçambique, os Conselhos de Produção, embriões dos futuros sindicatos a nível nacional, são atrelados ao Estado e ao Partido. Sendo que muitos outros problemas, vistos como herança do tempo colonial, ainda persistem: a fuga ao trabalho, a evasão fiscal, a falsificação dos produtos etc., apesar de terem sido qualificados como resistência dos trabalhadores no período colonial.



Carlos Delfino

## Um Debate Bilingüe

O Instituto Goethe promoveu o seminário *Mulher e Sociedade*, reuniu os principais nomes do feminismo brasileiro com as alemãs Elke Thiele, pedagoga social, e Eva Von Munch, jornalista e jurista. Foram discutidos, em São Paulo, os temas: família, trabalho, movimentos de mulheres, política, planejamento familiar e cultura. E em Brasília, política e arte feminina.

O Direito de Família na Alemanha, a assistência proporcionada pelos governos alemão e brasileiro, os conflitos entre a emancipação da mulher e o desejo de ter filhos foram algumas das questões debatidas entre as alemãs e a jurista e co-autora do Novo Estatuto Civil da Mulher Brasileira, Florisa Verucci. A discussão sobre a mulher no campo profissional contou com a participação da socióloga e pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, Cristina Bruschini, e da professora Elisabeth Lobo, da USP, sob a coordenação de Cheyva Spindel, da PUC. O crescente número de mulheres no mercado de trabalho e as gritantes diferenças salariais entre homens e mulheres foram os pontos em comum encontrados na Alemanha e no Brasil.

A atuação da mulher brasileira em comparação com a alemã na organização dos movimentos emancipatórios, seus direitos e perspectivas, bem como a questão da legalização do aborto, deram continuidade ao seminário. Debateram com as alemãs, Maria Amélia Telles, secretária da União de Mulheres de São Paulo, e Moema Viezzer, diretora da Rede Mulher. A coordenação foi de Vera Soares, da USP.

O debate sobre Mulher e Política contou com a participação de Zuleika Alambert, presidenta do Conselho estadual da Condição Feminina (SP), e da socióloga e suplente de senadora (PMDB/SP) Eva Alterman Blay, com a mediação de Ruth Cardoso, da USP. Em pauta,

a crescente representatividade das mulheres na política alemã e brasileira, em oposição à discriminação ainda existente na ocupação de cargos políticos de destaque; a atuação do Partido Verde na Alemanha e a criação dos Conselhos Estaduais e Nacional, no Brasil, foram os destaques.

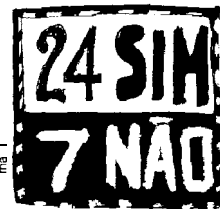
O debate sobre Planejamento Familiar tratou especificamente da legislação sobre o aborto e das novas tecnologias reprodutivas existentes no Brasil e na Alemanha. Carmem Barroso, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas (SP), e Margrit Klinger, jornalista, discutiram com Elke Thiele e Eva Munch o surgimento das mães de aluguel e da inseminação artificial. A mesa foi coordenada por Eleonora Medicucci, do Coletivo Sexualidade e Saúde.

Em Brasília, foi analisada a existência de uma arte feminina e sua atuação em uma cultura predominantemente masculina. Entre as debatedoras estiveram Anésia Pacheco e Chaves, artista plástica; Edaya Iglesias, cineasta; Maria Carneiro da Cunha, jornalista; Maria Luísa Belloni, da Universidade de Brasília. Aconteceu também o debate sobre Política com a participação de Jacqueline Pitanguy, presidenta do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, e Anabela Chiarelli, socióloga e advogada.

## Empossadas 24 Secretárias Estaduais

Ao todo tomaram posse 24 mulheres como titulares de secretarias estaduais, predominando as indicações para as pastas de Cultura, Educação e Promoção Social, sendo que o Estado de Minas Gerais foi o único a indicar três secretárias. É de se estranhar, no entanto, que em sete Estados (Rio de Janeiro, Paraná, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Sergipe) a ausência das mulheres no primeiro escalão do Executivo estadual

ACRE  
Laélia Conteiros Agra de Alcântara  
Secretária de Saúde  
Yolanda Lima Flemming  
Secretária dos Transportes  
AMAZONAS  
Socorro Dutra Lindoso  
Secretária do Trabalho e Bem Social  
CEARÁ  
Marta Dias Cavalcante Vieira  
Secretária de Administração  
BAHIA  
Martaugusta Rosa Rocha  
Secretária da Educação  
ESPIRITO SANTO  
Myrthes Bevilacqua Corrade  
Secretária do Bem-Estar Social  
GOIÁS  
Marta das Dores Braga Nunes  
Secretária de Desenvolvimento Social



MARANHÃO  
Laura Amélia Damous Dualibe  
Secretária da Cultura  
Marta Isabel Cafeteira  
Afonso Pereira  
Secretária Extraordinária de Desenvolvimento Comunitário  
MATO GROSSO  
Ceres Marly Shnessarenko  
Secretária da Educação e Cultura  
Inês Martins de Oliveira Alves  
Secretária de Obras e Serviços Públicos  
MINAS GERAIS  
Ângela Gutierrez  
Secretária da Cultura  
Raquel Braga Scariatelli Pimenta  
Secretária de Trabalho e Ação Social  
Vera Coutinho  
Secretária de Turismo, Lazer e Esportes  
PARÁ  
Marta Carmélia Tagino Maranhão Leite  
Secretária de Serviços Sociais  
PERNAMBUCO  
Tânia Bacellar de Araújo  
Secretária do Planejamento  
Silke Weber  
Secretária da Educação  
RIO GRANDE DO SUL  
Rejane Brasil Filippi  
Secretária da Justiça  
RONDÔNIA  
Denise Eugênia  
Secretária da Educação  
Marilda Teixeira  
Secretária da Indústria e Comércio

## FRASES

"Sei que sou um produto pré-fabricado, mas a questão não me incomoda. Pelo contrário durante um ano eu me diverti muitíssimo".

Barbara Palacios — Miss Universo 86

"Faço filmes como outros fazem filmes, para compartilhar, para amar, para ser amada, para deixar um traço".

Diane Kurys — cineasta

"Esperamos que a nova Constituição que vocês estão elaborando leve a total eliminação no Brasil, de qualquer tipo de discriminação e qualquer tipo de racismo".

Desmond Tutu — arcebispo-prímaz da África do Sul

A convivência com mulheres de todos os níveis sociais me ensinou muito sobre a condição feminina."

Lilian Celiberti, ex-presa política uruguaia e atual editora da revista *Cotidiano Mujer*

"De acordo com uma velha parábola, as três coisas mais valiosas da vida são: o pão de cada dia a saciedade dos livros e as mulheres, que não permitem que a chama da vida se extinga."

Mikhail Gorbachev — líder soviético

SANTA CATARINA  
Zuleika Mussi Lenzi  
Secretária de Cultura e Esporte  
SÃO PAULO  
Alda Marco Antonio  
Secretária do Menor Bete Mendes  
Secretária da Cultura

## Conselho: Muitas dúvidas no governo Quéricia

Na tentativa de avaliar e dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos desde 83, o Conselho Estadual da Condição Feminina (CECF) de São Paulo elaborou em junho um relatório sobre suas conquistas e principais dificuldades. A questão pendente no momento, segundo as Conselheiras, é uma só: que diretrizes serão adotadas a partir do dia 13 de setembro, quando haverá substituições na direção administrativa do órgão. Segundo Zuleika Alambert, atual presidente, o Conselho é um órgão de governo e sujeito às mudanças organizativas a cada novo quadro político instalado no Estado: "O trabalho que desenvolvemos nestes quatro anos na gestão Montoro foi excelente e o que perguntamos é se a administração Quéricia dará ou não continuidade a este sucesso".

Diante deste quadro apresentado por Zuleika, acrescenta-se o problema da falta de verbas que o Conselho vem enfrentando, e que causou um déficit no balanço de suas atividades: "Deixamos de executar muitas coisas essenciais. Um exemplo é o nosso movimento contra a participação das mulheres em reivindicações de assuntos alheios a elas. Discutir sobre a suspensão do pagamento da dívida externa é importante, mas será que resolve os problemas básicos vividos por elas? Há, também, um trabalho muito extenso de orientação de mulheres do Interior. Não há como fazer tudo isso", diz.

Paralelamente à escassez de recursos, Zuleika deixou transparecer a preocupação das Conselheiras

sobre o restrito apoio dado pelo governador Orestes Quéricia às questões da mulher: "Nos sempre fizemos um trabalho democrático, sem nos deixar envolver por idéias assistencialistas e sempre ao lado de movimentos autônomos, que são aqueles que estão mais em contato com a realidade feminina. A prioridade do Governo Quéricia é basicamente a criança. O que não fica claro é que por trás da criança há a figura da mãe-mulher, que é responsável, em sua maioria, por sua criação e educação. E o apoio a esta mulher como fica?".

Se por um lado o Conselho afirma ter realizado nestes últimos anos um trabalho de "centralização política combinada com o máximo de descentralização no ato da exe-



cução", preocupa-se, agora, com a possibilidade de se tornar uma unidade de despesa vinculada à Secretaria de Governo: "Neste momento não há como continuar o nosso trabalho sem saber o que o Governador Quéricia vai fazer com o Conselho. Está para ser aprovado um Decreto que estabelecerá um organograma, criando cargos e funções dentro do Conselho. Não sei se isto é bom ou ruim. Pode organizar os trabalhos, mas pode, também, torná-lo um órgão totalmente vulnerável às mudanças políticas", afirma Zuleika. Está prevista para o mês de julho uma nova reunião do Conselho, quando será discutida a posição da atual administração frente ao órgão. (L.C.)

## A Mulher no Sistema Escolar

REGINA CÉLIA FERREIRA AGUIAR

Mulher — Educação: O Papel da Mulher na Sociedade (Debate) Coordenação e Elaboração de Sílvia Pimentel São Paulo, Secretaria de Estado da Educação, 1987

Este livro relata a iniciativa pioneira da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo em levar o debate do papel da mulher na sociedade ao interior da escola, viabilizando a proposta do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) e do Ministério da Educação / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (MEC/Inep).

A publicação sintetiza e analisa os relatórios enviados por 3.113 escolas (cerca de 57,27% das que integram o sistema público estadual) das atividades desenvolvidas, durante a semana de 10 a 14 de março de 1986, por ocasião do Dia Nacional do Debate sobre o Papel da Mulher na Sociedade. O objetivo da obra é divulgar os resultados dos trabalhos no sentido de socializar as informações de uma escola para outra, detectar os assuntos mais abordados e subsidiar novas discussões sobre os temas mais polêmicos.

Pode-se perceber a ocorrência das mais diversificadas práticas expressando as peculiaridades e autonomia das escolas na agilização da proposta. Algumas restritas a alunos e professores e outras extrapolando os muros da escola e atingindo a comunidade. Variam essas práticas de reuniões com professores, debates, enquetes sobre situações cotidianas, elaboração de cartazes e desenhos, análise de textos e de programas de tevê, listagem de jogos e brincadeiras preferidas por meninos e meninas, listagem de atividades próprias para homens e mulheres, pesquisa bibliográfica, montagem de painéis, pesquisas de opinião, palestras com pessoas convidadas etc.

Não falta aos relatórios a citação de fatos impeditivos à concretização do projeto e, paralelamente, de soluções

apresentadas por outras escolas para superar essas mesmas dificuldades citadas. As escolas não se limitam a constatar a realidade mas levam adiante a proposta do debate dentro de uma perspectiva de mudança e de suas reais possibilidades. Um exemplo bastante significativo é o de uma escola de zona rural com a 5ª série recém-criada e num bairro constituído por população que trabalha como "bóias-frias": "tivemos uma aula-passeio para sabermos o que acontece em nossa comunidade... As mulheres da comunidade nos indagaram o porquê das diferenças salariais existentes entre o homem e a mulher dentro de um mesmo cargo exercido... Os alunos percorreram a comunidade, vendo os problemas, trazendo-os para serem solucionados em debate junto com os demais". (EEPG (A) Prof. José Aparecido Carvelucci — DRE Sorocaba — DE de Avaré)



O resumo de cada um dos temas abordados: discriminação, educação e família, trabalho, participação política, saúde, sexualidade e violência, esporte e lazer faz-se acompanhar de transcrições de trechos selecionados dos relatórios e de ilustrações enviadas por alunos.

A escola não pode ficar à margem dessa luta e, se secularmente, a mulher sempre

esteve presente dentro da escola, contraditoriamente, suas condições de vida foram pouco discutidas em seu interior em experiências esparsas e descontinuas.

Conduzir o debate do feminismo na escola surge como uma nova manifestação do movimento de mulheres a partir da análise da prática da escola. Faz-se necessário compreender a atual situação da mulher na sociedade

e formar uma nova imagem dessa mulher.

O projeto de que trata o livro é vitorioso. O que torna a proposta atraente é que ela não quer limitar-se a ser apenas mais um evento no calendário escolar. Existe a perspectiva de continuidade que iniciou-se em 1985 com a discussão "Mulher-Educação-Constituinte" e prossegue agora com o envio às escolas do segundo número do tabloide *Em Dia com a Mulher* (Inep), do exemplar número 27 do jornal *Mulherio*, do volume que ora é comentado e com a franquia do material coletado como fonte de consulta a quem interessar-se. É necessário que a discussão sobre o papel da mulher persista e passe a integrar o cotidiano das escolas.

Regina Célia Ferreira Aguiar é psicóloga da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e professora de Psicologia da Secretaria Estadual de Educação (RJ).

## TESES, PESQUISAS & DICAS

● *Gravidez na Adolescência*, Série Instrumentos para a Ação, nº 6,

IPLAN/ÍPEA — UNICEF — FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. As autoras — Carmem Barroso, Maria Malta Campos, Maria Lygia Quartim de Moraes, Albertina de Oliveira Costa, Cristina Bruschini, Regina Pahim Pinto, Célia Marinho de Azevedo e Nilva Pereira Ferreira — pretendem, com este estudo, fornecer subsídios para que a questão da gravidez na adolescência seja esclarecida e assumida sua dimensão real, a nível jurídico, educacional, de saúde e promoção social. A publicação pode ser encontrada no IPLAN/ÍPEA, Ed. BNDES, 15º andar, 70.076, Brasília, DF; Fundação Carlos Chagas, Av. Professor Francisco Morato, 1565, 11.478, São Paulo, SP.

● O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) estão lançando o *Programa de Apoio a Teses sobre a Questão da Mulher*, com o objetivo de conceder bolsas de estudo para a elaboração de teses a nível de Mestrado ou Doutorado que abordem o tema, em qualquer área. Maiores informações nas Pró-Reitorias de Pós-Graduação de Universidades, Núcleos de Estudos Sobre a Mulher e Conselhos Estaduais ou Municipais da Mulher. As inscrições serão feitas no CNDM, Comissão de Educação, Ed. Sede do Ministério da Justiça — 5º andar — sala 513, 70.064, Brasília, DF, fone: (061)224-3448, ramal 122; ou na Coordenadoria de Bolsa no

Pais (CAPES), Esplanada dos Ministérios, MEC — Anexo 1, 4º andar, sala 412, 70.047, Brasília, DF, fone: (061)214-8872.

● O resgate da memória e da atuação de algumas mulheres negras, protagonistas da história brasileira, apresenta uma tarefa obrigatória e extremamente difícil. No entanto, o Coletivo de Mulheres Negras da Baixa Santa Iza deu os primeiros passos neste sentido: reuniu em *A mulher negra tem história* a breve biografia de trinta negras que contribuíram para a cultura e libertação de seu povo e sua raça. A dificuldade em levar adiante este trabalho concentra-se principalmente na falta de dados mais precisos sobre as mulheres em questão e da quase impossibilidade de resgatá-las. Ainda assim conseguiu-se, com a ajuda de pesquisadores, historiadores, coleta de material mimeografado, teses e depoimentos de grupos de negros dar um panorama do pioneirismo, de determinadas mulheres negras.

O objetivo do Coletivo de Mulheres, usando suas próprias palavras, é "mudar a visão que a criança, a mulher e o homem negros têm sobre sua própria raça, além de fornecerem subsídios para apresentar a verdadeira imagem de nossa etnia, que lutou por sua liberdade, que procurou superar todas as barreiras da discriminação para afirmar sua cultura, sua arte, suas raízes". A cartilha servirá de subsídio para que as escolas tenham meios

— ainda que fatte vontade e a marginalização prevaleça — de revelar o verdadeiro papel dos negros na história e formação brasileiras, o que tem sido ignorado pelas Escolas Oficiais.

● *Situación de la Empleada Doméstica en la Argentina y Yo Trabajo en Casa de Familia*, publicações do Centro de Estudios de la Mujer, partes do material da pesquisa "Servicio Doméstico Remunerado y Problemas de Sindicalización" — desenvolvido por Cristina Zurutuza e Celia Bercovich —, que o CEM levou a cabo de junho de 85 a dezembro de 86. O objetivo deste estudo é conscientizar a trabalhadora doméstica de seus direitos e tornar públicas suas condições de trabalho. O CEM também propõe que, a partir dos livretos, as empregadas possam se reunir em grupos de reflexão e procurar soluções para seus problemas.

CEM: Nicaragua 4908, Buenos Aires (1414).

● *Estrutura Familiar e Vida Cotidiana na Cidade de São Paulo*, Maria

Cristina A. Bruschini, tese de doutoramento, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. Este estudo tem como objetivo analisar as relações familiares e a distribuição de papéis em unidades familiares urbanas. É precedido por uma cuidadosa revisão bibliográfica sobre a

família, abrangendo a sociologia, a antropologia, a história e a demografia. A pesquisa empírica resultou, em primeiro lugar, numa descrição das famílias paulistanas, a partir de dados do DIEESE, enfocando sua composição sócio-demográfica e a participação de seus membros em atividades econômicas. Numa segunda etapa, que se pautou por uma abordagem qualitativa, através da observação e da realização de entrevistas com 15 famílias, buscou-se analisar como é vivida e pensada a organização da vida cotidiana, com particular atenção para a divisão sexual do trabalho no seu interior (incluindo o trabalho doméstico), além de tentar perceber a articulação da família com a sociedade mais alta. A pesquisa ressalta a importância da família como referência fundamental de todos os indivíduos entrevistados.

● Maria Amélia Ferreira de Almeida, *Feminismo na Bahia, 1930-1950*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia. Março de 1986. Dividida em quatro capítulos, a monografia focaliza a organização e funcionamento da Federação baiana, traça um pano de fundo da condição feminina em Salvador neste século no que diz respeito ao trabalho, educação e cotidiano das classes média e alta. Relata a articulação nacional das feministas baianas em torno das campanhas do voto e das candidaturas femininas, e analisa o discurso feminino, sua fundamentação, estrutura e argumentação.

# O Sexo do Brasil

ROSELY ROTH

*História e Sexualidade no Brasil*  
Vários autores sob  
organização de Ronaldo Vainfas  
Rio de Janeiro, Graal, 1987

Para as pessoas que estão desenvolvendo um trabalho relacionado com o tema de sexualidade e/ou estão interessadas no assunto, a editora Graal lançou *História e Sexualidade no Brasil*, coletânea de dez ensaios que apresenta, além do rigor metodológico e teórico, um estilo claro e acessível e — ouso dizer — tão gostoso, que é quase impossível abandonar a leitura antes do término da obra.

Enquanto na Europa, desde a década de 70, autores como Michel Foucault, Guattari, Philippe Aries, entre outros, têm desenvolvido estudos sobre as estratégias e dispositivos dos poderes utilizados no decorrer da História; no Brasil, poucas pesquisas nesta linha, aplicadas às nossas especificidades históricas, vão surgir somente na década de 80. É o caso da *História e Sexualidade no Brasil*, que nos deixa mais esperançosos e otimistas em relação à produção acadêmica atual. A maioria dos textos integra o trabalho de mestrado ou doutorado dos autores, sendo que dos vários temas abordados muitos ainda são considerados malditos ou "menores".

Os primeiros quatro ensaios abrangem, especificamente, o Brasil Colônia e temas deste período: práticas de feitiçaria que reverenciavam as propriedades sagradas das secreções masculinas e femi-

ninas, não diferenciação entre universo científico e natural, existência das práticas de sodomia masculina (onde a preferência por uma determinada posição sexual não implicava necessariamente na reprodução de uma hierarquia social de superioridade ou inferioridade) desmistificadas enquanto costumes alienígenas, trazidos e difundidos pelo colonizador branco europeu, e o estudo da técnica pedagógica de delação (dispositivo fundamental da Igreja para manter seu poder na sociedade) demonstra que a intenção básica não era castigar, mas sim detectar os desvios da consciência para melhor aprisionar os desejos, comportamentos e pensamentos que divergissem da "verdade divina". A técnica de delação construiu uma mentalidade inquisitorial, na qual quem escapava da própria auto-censura poderia ser denunciado por qualquer pessoa, sendo, portanto, confidentes quanto delatores, instrumentos a serviço da Inquisição.

As tecnologias e dispositivos de poder produzidos pela Igreja (discursos, medo, culpa, confissão, de-

lação, morte na fogueira, penitência) visavam fundamentalmente manter o sexo restrito à cópula reprodutiva, nos limites da família e do casamento. Festas e reuniões promovidas pela Igreja, espaços importantes da socialização da população, onde paradoxalmente surgiam contravenções às normas cristãs, também eram utilizados como laboratórios de conhecimento que possibilitavam a adoção de medidas preventivas para moralizar a sociedade.

Nos seis ensaios seguintes são analisados, entre outros temas, o processo lento de consolidação das instituições do matrimônio e da família, devido, principalmente, à escravidão e aos altos custos do ritual cristão do casamento, e a ascensão e consolidação do poder médico a partir da segunda metade do séc. XVIII e final deste século, representando a transformação dos dispositivos e tecnologias de poder. O que antes era defendido e punido em nome da "verdade divina", agora será em nome da "verdade científica". A maneira de formular verdade científica, a construção dos discursos e das tecnologias de controle e de disciplinarização empregadas para efetivá-las serão outras.

A medicina irá procurar nomear todos os comportamentos, atitudes e desejos, antes considerados sob o signo do pecado, atentatórios aos "designios de deus" e por isto objeto de punição e castigo. É neste contexto que surgem as categorias do homossexual, do tarado, da histórica, entre outras. Criam-se novas espécies que passam a dar conteúdo, a integrar o quadro do que se denominou "doentes mentais". A doença será sempre física e moral, um pecado do corpo e da alma, associado à degenerescência física, hereditária. O que atenta contra a "verdade científica" dos papéis so-

ciais de homens e mulheres — que inclui uma forma "sadia" de sexo que vise à procriação dentro das instituições "higiénicas" do casamento e da família, além de determinados comportamentos e temperamentos esperados para cada sexo — será classificado como doente e inserido em alguma das categorias construídas. Esta estratégia de poder só terá eficácia na medida em que os próprios indivíduos transgressores se auto-classifiquem em "doentes" e "sadios", aceitando implicitamente o discurso médico e/ou sejam "delatados", denominados como tais, pelos outros, especialistas ou não do saber médico, mas todos instrumentos essenciais para a consolidação deste saber.

Para efetivar objetivamente seus discursos, a medicina criou instituições próprias, que se constituem em espaços de exercícios dos seus dispositivos e tecnologias e, simultaneamente, em um de seus dispositivos de saber e de poder: mani-

cípios, consultórios e indústrias farmacêuticas. Agora, o universo masculino da "cura" se separa definitivamente da natureza, associado às mulheres possuidoras do conhecimento da cura através das plantas, das ervas medicinais e dos rituais a elas ligados.

Estes dez ensaios apresentam uma continuidade. O que em um é apenas esboçado, em outro é analisado mais detalhadamente, proporcionando no conjunto um breve quadro da produção e funcionamento das estratégias e táticas de poder engendradas na nossa história, pela Igreja (nos séculos XVI, XVII, XVIII) e medicina (nos séculos XVIII, XIX e XX), respaldadas pelo poder judiciário, que criminalizava os comportamentos que transgrediam as estratégias propostas por estas duas instituições.

Rosely Roth é integrante do *Gaif*, uma das editoras do *Chanaconcha* e mestrandia em Ciências Sociais na PUC-SP

## AGENDA

Entre 24 e 28 de junho, a National Women's Studies Association (NWSA) — Associação Nacional de Estudos sobre Mulheres — comemorará seu décimo aniversário com uma conferência anual no Spelman College, em Atlanta, Geórgia, intitulada "Weaving Women's Colors: A Decade of Empowerment". A conferência, co-promovida por Spelman College, Agnes Scott College, Emory University e a NWSA, explorará temas relativos à interseção entre raça e gênero, dando destaque a cinco grandes plenárias de que participarão professores, escritores, intelectuais etc. Haverá, também, atividades artísticas e culturais paralelas, como dramatizações, exposições e apresentações musicais. Os contatos para informações sobre as inscrições podem ser feitos na NWSA '87, Emory University, PO Box 21223, Atlanta, Georgia, 30322, USA.

ministria Latino-americana e Caribenha. Além das mesas de trabalho, haverá atividades noturnas — dança, teatro etc. — e venda de livros, artigos, fotografias e materiais do gênero. Informações: L.A.L., Apartado Postal 22834, 14000 Mexico, D.F., MÉXICO; ou L.A.L., c/o GLLU, 1213 No. Highland Avenue, Hollywood, Calif. 90038, USA.

A Universidade Federal do Pará estará promovendo em agosto o III Seminário sobre: *Mulher na Região Norte*. Trata-se de um espaço regional de discussão da produção científica sobre mulheres. O evento é uma promoção do Departamento de História e Antropologia e do Museu da Universidade Federal do Pará. O seminário inclui uma mostra de vídeo e exposição de cartazes e fotografia. Os contatos podem ser feitos com Jane Beltrão, Avenida Governador Malcher, 1192, 66000, Belém, Pará, ou pelo telefone: (091)224-0871.

O Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP (Universidade de São Paulo) realizará de 8 a 16 de agosto o curso "Terapia do Casal e da Família" — aberto a todos os profissionais da área de saúde e interessados —, com a participação da doutora Ago Burki Fillenz, médica psiquiatra supervisora da Clínica Psiquiátrica Infantil de Zurique, Suíça. O local será o anfiteatro do Instituto de Psiquiatria, à Rua Ovídio Pires de Campos s/nº - 1º andar.

Acontece no México, de 14 a 17 de outubro, o *Primeiro Encontro de Lésbicas Feministas Latino-americanas e Caribenhas*, com o objetivo de reunir as lésbicas feministas e grupos independentes da América Latina e do Caribe para analisar a situação dentro de cada país e buscar respostas e soluções. Mais especificamente, a intenção é reforçar a identidade lésbica e consolidar a Rede de Lésbicas Fe-



Na série de textos, o quadro da sexualidade brasileira

22

Mulher  
Julho/87

**ARTEBELA**  
galeria de arte e molduras  
Linha completa de molduras em madeira, laca, alumínio, ouro envelhecido, prata etc. Somos o maior acervo de gravuras de S. Paulo. Tozzi, Volpi, Tomie, Grassmann, Tarsila, Rugendas, Wesley Duke Lee, Antunes, Renina, Fagya, Mabe, Charoux. Burla Marx fazem parte da nossa coleção. R. Artur de Azevedo, 2102 — Fone: 815.7786 — Pinheiros — S. Paulo.

**CASA DA MULHER DO GRAJÁ**  
UM ESPAÇO ALTERNATIVO DE PARTICIPAÇÃO DA MULHER  
Rua José Bezerra Filho, 183 Grajáu  
SP Cep 04842 Tel. 011 - 520-2775

**PROJETO SEXUALIDADE COM PRAZER**  
Orientação Psico-Educativa a profissionais das áreas de Educação, Saúde e demais interessados.  
Cursos Encontros Treinamentos  
Theraza Ferraz Fone: 255-3498  
C.R.P. 3100

**Forma Estética & Cia.**  
cabeleireiro  
estética social e artística  
depilação a cera quente,  
fria e definitiva  
ginástica aeróbica e jazz  
**AMBOS OS SEXOS**  
Alameda Ribeiro Preto, 243 Jardim  
Paulista — SP Tel. (011) 287-9399

# PUBLICAÇÕES



● **Vamos**, Centro de Defesa dos Direitos Humanos/ Assessoria de Educação Popular, Paraíba, Ano I, n.º 0, fevereiro de 1987. A exigência das representantes dos grupos de mulheres nas áreas rurais culminaram com a publicação, que tem o objetivo de preparar a mulher para assumir seu papel na luta pela terra, justiça e igualdade — inclusive entre homens e mulheres —, além de estimular a participação da idosa nas manifestações e reivindicações sociais e políticas. Os artigos trazem entrevistas com integrantes de grupos de mulheres, esclarecimentos sobre movimentos sindicais, situação agrária, Constituinte e Constituição, planejamento familiar e saúde da mulher. Correspondência: Av. Almirante Barroso, 74, Caixa Postal 93, João Pessoa (PB), Cep: 58.020.

● **Mulheres**, n.º 108, mensal; abril de 1987. Lisboa Portugal, além do material elaborado pela redação local, a revista utiliza subsídios de publicações estrangeiras, como as francesas *F-Magazine* e *Antoinette* e as brasileiras *Nova* e *Cláudia*. Neste número, *Mulheres* trata dos machões das telenovelas brasileiras — muito populares em Portugal —, da prostituição nas casas de massagens, amor, sexualidade e também questiona o serviço militar para mulheres. Distribuição: Avenida Santos Dummont, 57-2.º, 1000 Lisboa, Portugal.

● **Mujeres**, ano 3, n.º 15, dezembro de 1986, Espanha. Esta edição trata da "cultura da imagem" através de arti-

gos sobre a publicidade destinada ao público infantil e a maneira como é recebida; moda como instrumento e reflexo de mudanças comportamentais; aborto; entrevista com Assunción Valdés, diretora da Oficina de Informação Europeu na Espanha. No encarte "Reflexiones", o tema é a imagem da mulher na cultura contemporânea. Instituto de la Mujer, Ministerio de Cultura, Almagro, 36, 2.º planta, Madrid, Espanha.

● **OAM**, Revista da Organização Autônoma de Mulheres, ano III, n.º 4, março de 1987. No editorial, Eneida Soller reafirma a necessidade de se defender os direitos dos trabalhadores e, mais particularmente, das mulheres trabalhadoras na Constituinte, além de se lutar por uma forma de inserção mais ativa da mulher na produção e na sociedade brasileira. Este número traz ainda um pequeno relatório sobre o Encontro de Ribeirão Preto (SP); a Declaração Universal dos Direitos da Mulher prestes a completar vinte anos; uma entrevista com algumas deputadas constituintes; uma reflexão sobre a responsabilidade delegada à mulher para o sucesso do Plano Cruzado; e uma matéria sobre planejamento familiar e controle da natalidade. O endereço para correspondência é Caixa Postal 2115, Cep 01051, São Paulo, SP.

● **Mulher'87**, Centro Nacional Bertha Lutz — Assistência, Educação e Promoção da Mulher e da Família —, Março/abril. De uma maneira ge-

ral, a edição recai sobre a questão do planejamento familiar, como demonstra o editorial. Há ainda matérias sobre a Aids, o auxílio à mulheres e famílias de baixa renda e sobre o Centro de Valorização da Vida (CVV). Endereço para contato: Rua Santo Afonso, 110 - GRS 605/606, Tijuca — Rio de Janeiro — RJ, Cep 20.511.

● **Broadside**, A Feminist Review, vol.8, n.º 5, março de 1987, Canadá. A importância da Coalisão 8 de Março é retratada no editorial. Ela enfatizará quatro pontos em especial ao longo do ano, sob o tema "Lutando contra o racismo e o sexismo juntos": autonomia para mulheres nativas, melhor moradia, escolha e direitos reprodutivos e ação afirmativa. Os destaques da edição são o aborto, a microtecnologia e a nova Renascença na Nicarágua, por Daisy Zamora. Correspondência: Broadside, P.O. Box 494, Station P, Toronto, Ontario, M5S 2T1.

● **Ideas & Acción**, Campaña Mundial contra el Hambre/ Acción pro Desarrollo, 1986/4, Itália. Bimestral, em três opções de idiomas: inglês, francês e espanhol. A revista é distribuída gratuitamente, bastando que o interessado escreva enviando todos os dados. O destaque desta edição é para a questão dos pescadores artesanais da Colômbia que, através de sua associação, pretendem organizar-se a nível nacional; o relato das experiências da Tailândia no que diz respeito ao desenvol-

vimento do trabalho no campo; e os resultados de um encontro realizado em Umbria, na Itália, em que foram abordados temas como o problema do emprego (urbano e rural), a pequena empresa, qualidade de vida e o desenvolvimento econômico.

● **Chanacomchana**, Grupo de Ação Lésbica Feminista (GALF), n.º 12, fev./maio 1987, Cz\$ 25,00. O boletim, trimestral, busca focalizar diferentes aspectos de vivências lésbicas e diluir preconceitos que envolvem o homossexualismo, além de discutir temas referentes à política de outros movimentos sociais autônomos. Neste número, aborda a relação entre feminismo e lesbianismo, fala de linguagem e repressão e faz um balanço das últimas eleições. GALF: Caixa Postal 62.618, Cep 01214, São Paulo, Capital.

● **Enfoques de Mujer**, Grupo de Estudios de la Mujer Paraguaya (GEMPA), n.º 1, novembro de 1986. A revista é criação das mulheres que investigam e buscam um espaço que permita a divulgação do conhecimento sobre a condição da mulher paraguaia, assim como a difusão da situação de mulheres de outros países, através de um veículo que ultrapasse o âmbito da pesquisa científica. Para isso, *Enfoques* abre um espaço onde são relatadas as opiniões e vivências femininas, de maneira que os leitores questionem a publicação e contribuam com suas próprias experiências. Neste primeiro número, há uma reflexão acer-



ca do movimento feminista paraguaio, artigo sobre a maternidade enquanto opção e a linguagem e o discurso feminino. O endereço do GEMPA é: Eligio Ayala 973, Assunção, Paraguai.

● **Somos**, Asociación de Mujeres "Luisa Amanda Espinoza", Ano I, n.º 30, 1986. No editorial, salienta-se as conquistas e realizações dos nove anos de contribuição para o fortalecimento da Revolução Sandinista da AMNLAE, que tiveram maior reconhecimento a partir da reunião da Assembleia Sandinista, presidida pela Direção Nacional, onde a atual situação política, econômica e social foi analisada. As resoluções do encontro constituem as diretrizes da AMNLAE, tornadas públicas também através desta revista. O destaque da edição é uma entrevista com a Comandante Doris Tijerino, chefe nacional da Polícia Sandinista, membro da Assembleia Sandinista, presidente da Frente Continental de Mulheres contra a Intervenção e presidente da AMNLAE.

● **Mulher-Libertação**, Boletim Nacional da Mulher Marginalizada, n.º 8, janeiro/março de 1987, Lins, SP. O editorial convida a um questionamento sobre a prostituição infantil, a propósito da Campanha da Fraternidade deste ano que tem o lema: "Quem acolhe ao menor a mim me acolhe". Além de informações sobre cursos, como o de formação de agentes de trabalho com a Pastoral, a publicação apresenta esclarecimentos sobre doenças venéreas

e higiene íntima, relatórios de encontros promovidos pela Pastoral da Mulher Marginalizada, Constituição e direitos das prostitutas. Contatos podem ser feitos através da C.P. 123, Cep 16400 Lins (SP), ou pelo telefone 0145/223330.

● **Noi Donne**, n.º 3, mensal, março de 1987, Itália. Os destaques da publicação — já no seu 42.º ano — para este número são: o movimento das mulheres do Partido Comunista italiano, que elaboraram uma carta de reivindicações para a nova Constituinte; o seminário realizado em Roma sobre inseminação artificial; e o problema do desemprego e das condições de trabalho das mulheres na região da Toscana. Outro artigo importante é a diminuição do número de matrimônios e o crescente índice de divórcios registrados na Itália. Redação e administração: via Trinità del Pellegrino 12, 00186, Roma, Itália.

● **Presença da Mulher**, Editora Liberdade da Mulher Ltda., ano 1, n.º 4, abril/junho de 1987. No editorial, Ana Maria Rocha reflete sobre a campanha publicitária do Dia das Mães e sobre a necessidade da participação feminina na elaboração da nova Constituição. Neste número, um reportagem sobre as garis, o aborto e a gravidez no contexto do mercado de trabalho; esclarecimentos sobre a Aids; por Marta Suplicy; e a luta das mulheres chilenas. Administração, Redação e publicidade: R. dos Bororós, 51 - 1.º andar, Bela Vista, Cep 01320, São Paulo, SP.



# FANTASMASIA

